



O governo está a serviço da Light. O latifundiário João Cleofas, ministro de Getúlio, confraterniza com os americanos, Nicholson e outros maiores da Light

RACIONAMENTO — MINA DE OURO PARA O VORAZ TRUSTE ELÉTRICO

A LIGHT Nunca Trouxe Um Tostão Sequer Para o Brasil!

- ☆ Racionamento — o grande negócio do truste: os lucros aumentam espantosamente de ano para ano
- ☆ Lucro da Light em 1952: 780 milhões de cruzeiros, ou seja, 85 milhões mais que no ano anterior
- ☆ O capital inicial — cem mil contos — foi coberto com um simples "vale" no Royal Bank of Canada
- ☆ Esse "vale" foi compensado com os depósitos de milhões de assinantes que nunca receberam juros

☆ O capital da Light aumentou 136 vezes sem se considerar a desvalorização do cruzeiro
Reportagem na pág. CENTRAL

IMPRENSA DA REAÇÃO Jornais Americanos Escritos em Português

«O Estado de São Paulo» afivela a máscara da sizudez e da austeridade, para vender-se mais caro — A «respeitosa» da «sadia», refúgio do fascista Gianino Carta.

Os mascarados das «Folhas»: cada diretor representa uma empresa capitalista e todos juntos defendem os interesses dos americanos.

A «Gazeta» ou a «Gaveta», porta-voz do Vaticano, órgão das mais ricas ordens religiosas.

E o resto da «sadia» de São Paulo: «Última Hora», do aventureiro Wainer, «Diários Associados», do nauseabundo Chateaubriand, «O Tempo», do negociante Hugo Borghi, «O Dia», pasquim pornográfico do demagogo Ademar.

(REPORTAGEM NA 12.ª PÁGINA)

A LUTA DO PRO- LETARIADO E AS ORGANIZAÇÕES POPULARES

A necessidade do apoio mútuo, da unidade das forças populares com a classe operária.

(Leia Editorial na 3a. Página)

Transformou-se a Vida do Camponês Juvêncio

História em quadrinhos na (QUINTA PÁGINA)



Voz dos leitores

MENORES DE 8 E 10 ANOS EXPLORADOS DESUMANAMENTE EM ARARAQUARA

A «famosa» legislação trabalhista de Vargas reza em seus artigos 800 e 801, o seguinte: «Aos menores de 16 anos não será permitido o trabalho em lugares perigosos e insalubres e em locais, ou serviços prejudiciais à sua moralidade».

«É proibido o trabalho ao menor de 14 anos».

Na Vila Xavier estes artigos só existem no papel.

Uma vila operária

Vila Xavier é o nome do bairro mais proletário de Araraquara. Ali se aglomeram as chaminés da Dianda Lopes, da Anderson Clayton, da Nestlé, da Textil Haddad e outras empresas menores. Sua população é de 15.000 habitantes e é composta na quase totalidade de trabalhadores das fábricas e ferroviários da Companhia Paulista e da E.F. Araraquarense. As ruas não têm calçamento, as casas são pequenas e pobres. Não há água encanada nem esgoto, na maioria das ruas. Como consequência da política anti-operária e guerrilha do sr. Vargas e seus paus-mandados, o custo de vida atingiu proporção nunca vista. Os salários são em média de 1.000 cruzeiros. Um quilo de arroz custa 8 cruzeiros e de feijão 14. Os filhos dos operários não podem beber leite.

Exploração de menores

Premidos pelo alto custo da vida os trabalhadores são

obrigados a mandar seus filhos para as fábricas. Os tubarões se aproveitam dessa situação e estão contratando de preferência menores. Entre eles se destaca a Abílio da Silva Guerra, proprietário de uma fábrica de bebidas. Ali os meninos fazem trabalho de adulto e ganham 120 cruzeiros mensais. Mais de uma dezena de crianças estão no quadro de empregados do explorador Abílio, que obriga os pequenos operários a carregar pesados caixotes, trabalhar em locais úmidos e insalubres, etc. Qualquer reclamação por impossibilidade física de fazer o serviço é pretexto para máus tentos de toda sorte, inclusive palavrões e espancamentos.

É por isso que esse explorador conseguiu em pouco tempo construir quatro casas enormes, adquirir caminhões, etc.

Inimigo da Infância

O juiz de Araraquara sabe de tudo isto, mas está de acordo, é também um representante do regime de opressão contra o povo. Diante dos problemas que a miséria cria para a infância abandonada, explorada, sem escolas e sem hospitais, o juiz só sabe valer-se da violência contra aqueles que, desorientados e oprimidos pelas necessidades, ingressam desde cedo no erro.

Aí está o triste exemplo da menina Benedita da Cruz, de apenas 15 anos, que há vários meses está encarcerada porque, desorientada, cometeu um pequeno furto. Em vez de recuperar essa criança, a reação a atira num infecto xadrez, em promiscuidade com pessoas comuns, onde, provavelmente se corromperá por completo. Eis o que é o regime de Vargas, cujo governo é o maior inimigo que o povo tem. Para eliminar esse regime caduco, monstruoso, só um regime de democracia popular, um governo da classe operária e de todas as camadas progressistas do nosso país.

Correspondência de
Antônio Pedroso Pinó



Libertado Pela Solidariedade

O patriota Renalvo Siqueira dos Santos, de Alagoas Moçó, enviou-nos uma carta vibrante e cheia de confiança nas forças da classe operária, por motivo de sua libertação depois de longo período de encarceramento que sofreu a partir de 9 de outubro de 1951. Diz ele: «Inicialmente desejei por intermédio de nossa querida VOZ OPERÁRIA agradecer a todos aqueles que num gesto de compreensão patriótica e de maneira carinhosa, levaram para mim, nos cárceres da reação sua solidariedade moral e material. Pois não há nada que conforte tanto a um patriota encerrado como a solidariedade».

Renalvo foi preso por ordem de Arnon de Melo e a farsa policial-jurídica foi montada e levada a cabo pelo sr. Antonio José Farias Costa, juiz de «Direito» da comarca de Penedo, que o condenou a 5 anos. A solidariedade popular, as lutas do povo brasileiro, entretanto, anteciparam de muito sua libertação, infligindo uma derro-

ta aos inimigos do nosso povo.

Renalvo apela em sua carta para que se reforce a solidariedade aos patriotas José Luiz dos Santos e José Domingos da Silva que estão encarcerados desde 12 de Setembro de 1951.

Escravizados os Operários de Pataxó

MOSSORÓ (Rio G. do Norte) — setembro — (Do correspondente) — 1.500 homens que trabalham no Açude Patroxo estão entregues pelo governo à sanha dos negociatas.

Somente em dois pagamentos o sr. Agnaldo Gurgel e Cia, recebeu 2.600 contos dos vales e das mercadorias que fornece nos barracões, com a conivência do Dr. Sales, médico

assistente do serviço e o engenheiro Euzepeides, chefe do serviço.

A compra dos vales feita a 20, 30, 40 e até 50 por cento por esses senhores. Os vales são assinados com as iniciais D.N.O.C.S. visto que as negociatas são feitas em concordância com o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Os preços são estes: feijão, 14,00 o litro; carne de charque 30 cruzeiros o quilo;

um litro de farinha, 4,00 um quilo de arroz, 13,00; açúcar, quilo 6,00; e 7,00; um quilo de café 30,00; e assim por diante.

Os salários, vão de 7,50 a 15 cruzeiros. Há menores sem qualquer amparo social, trabalhando 9 horas diárias. As empreitadas de 25 braças quadradas são pagas a 60 cruzeiros. Mas estamos informados, de que o salário pago deve ser de 100 cruzeiros. Além do mais não são pagos os domingos e feriados, não há indenização por acidentes e assistência médica é precaríssima pois o médico só comparece uma vez por semana. O remédio que existe por aqui é água oxigenada.

Uma das maiores barbaridades é que muitas mulheres têm dado à luz no chão, como qualquer animal, e isto é de conhecimento da administração.

Estamos nos movimentando para conquistar um salário pelo menos de 30 cruzeiros por 8 horas de trabalho, bem como pela baixa dos preços dos principais gêneros. Pleiteamos também o repouso remunerado e o pagamento em dinheiro quinzenalmente com a liquidação do sistema de vales.

Assim vivem os trabalhadores de Pataxó, em luta contra as arbitrariedades e negociatas dos paus-mandados de Vargas, representante desse regime de opressão contra o povo.

Exploração e Terror na Estância de S. Pedro

Urugualana (do correspondente Urbano de Souza)

Tornou-se celebre em todo o país a estância de São Pedro, situada no Município de Urugualana. Dali partiram as promessas getulistas de paz, de liberdade sindical, de vida mais barata para as amplas camadas de nosso povo.

As palavras do velho carcereiro de Prestes e assassino de Olga Benário, chegaram aos ouvidos do povo: «carne a 4 cruzeiros; aumento de salários; congelamento de preços; reforma agrária; proteção aos assalariados agrícolas».

Os dias correram, os dias passaram e as promessas repetiam.

OS FATOS

Hoje ali, na mesma fazenda de São Pedro, o latifundiário Luzardo, colhe os lucros de suas negociatas. Planta o embaixador agricultor 330 quadras de arroz e ainda vai plantar mais mil quadras, planta oliveira e trigais imensos. Na sua lavoura de arroz trabalham permanentemente 80 assalariados agrícolas e em épocas de «média colheita» mais de 200 trabalhadores.

O embaixador paga em vales aos seus assalariados, que nunca são trocados em dinheiro; para isso a fazenda tem uma cantina, em que os trabalhadores são obrigados a comprar os gêneros, atendida por Manoel Imas dos Santos, que vende os produtos pelos seguintes preços:

Fideo (massas) a Cr\$ 100,00 o quilo; Açúcar a Cr\$ 6,50 o quilo; Café Cr\$ 35,00; farinha de mandioca Cr\$ 5,50; farinha de milho Cr\$ 7,00; charque Cr\$ 15,00; sabão Cr\$ 8,00; quirera de arroz sujo Cr\$ 7,00 o quilo.

ESPANCAMENTOS

Mas também as promessas de melhores dias para o campesinato são relembrados, quando entra em cena a polícia de Barra Quirim, para espancar os trabalhadores. O espancador da polícia é o celebre Rico Soares. Ultimamente 8 déles foram vítimas desses espancamentos. E por todos os recantos da fazenda anda o alcaçute da polícia, o feitor do feudo, Milhano Borges.

Enquanto o latifundiário Luzardo vai se valendo do cargo e do crédito ilimitado, vendendo bem seu arroz, e seu trigo, os homens que realmente trabalham as terras e plantam o arroz, são obrigados a comprar a quirera de arroz a Cr\$ 7,00 o quilo.

Os camponeses seguindo os exemplos da classe operária, vão se unindo e organizando para lutar para que a terra seja entregue a quem nela trabalha.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE
LIMA E SILVA

MATRIZ

Av. Rio Branco, 257, 17.^o
and. sala 1712

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos
Estudantes, 84, s/ 29 —
2.^o andar.

P. Alegre — Rua Vo-
luntários da Pátria, 527,
sala 48.

Recife — Rua da Pal-
ma, 295, s/ 205, Ed. Soel.
Salvador — Rua João
de Deus, 1, s/1.

Fortaleza — Rua B. do
Rio Branco, 1248, s/22.
Endereço telegráfico da
Matriz e das Sucursais:

VOZPÉRIA

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
Semestral » 30,00
Trimestral » 15,00
N. avulso » 1,00
N. atrasado » 1,50

Este semanário é reim-
presso em S. PAULO,
PORTO ALEGRE, SAL-
VADOR, RECIFE, FOR-
TALEZA E BELEM.

DENÚNCIA DUMA FAMÍLIA DE EXPLORADORES DE S. PAULO

Irmãos George, Sanguessugas dos Operários

A família George, composta de sete irmãos, sete sugadores do sangue dos operários, são donos das seguintes empresas: Cotonofício Guilherme George, Lanifício Minerva, Tecelagem Santo André, Metalgrafica George, Refinarias Cisne, mais uma tecelagem na Rua Dentista Barreto, uma usina de açúcar e álcool numa cidade do interior, uma fazenda com plantação de eucaliptos, uma fazenda com criação de carneiros e estão quase terminando uma fábrica de soda-caustica em Vila Talarico.

Nas fábricas dos George os trabalhadores são desumanamente explorados, principalmente as mulheres e menores. Meninas de 13 anos trabalham na firma sem serem registradas e assim são mais exploradas, pois fazem o mesmo serviço dos maiores e recebem um salário muitas vezes menor.

É a custa dessa exploração aos seus operários que Julio George constrói um palacete na Cidade Jardim por 18 milhões de cruzeiros, Rogério George está construindo outro no valor

de 12 milhões de cruzeiros e Cesar já construiu um no valor de 10 milhões de cruzeiros.

Para obrigar os operários a trabalhar sem parar, eles chegam ao cúmulo de jogar amoniac nas privadas, para que os trabalhadores não permaneçam lá mais de um minuto.

No Cotonofício George a disciplina é rigorosamente militar pois a fábrica faz encomendas para o Exército. Existem seções que são completamente isoladas e os operários são proibidos de manter contacto com operários de outras seções.

Os patrões tentam impedir a luta dos trabalhadores, procurando dividi-los. Uma das formas que empregam é admitir um grande número de estrangeiros. Mais de 40% do total dos empregados, são estrangeiros. Mas também os estrangeiros, com exceção de meia dúzia de renegados, já demonstraram que não estão dispostos a passar fome, acompanhando os operários brasileiros na luta pelas reivindicações.

Com a nossa unidade e organização, na fábrica e no Sindicato, evitaremos que sejamos mais escravizados e obrigaremos os George a cumprir com o pagamento dos 32%, derrubando a infame cláusula da assiduidade total. (Do correspondente, São Paulo).

Como se Elevam As Lutas do Povo Ao Plano Político

Ante a repressão do governo às suas reivindicações, os operários, os camponeses, grandes massas na Capital e no Interior de São Paulo se batem com ardor crescente pelas liberdades democráticas

Apesar dos atos de vandalismo policial, ocupando sedes sindicais, assaltando jornais do povo, cercando e incendiando casas e campos dos lavradores, cresce por toda parte o movimento de solidariedade e o povo começa a unir-se por seus direitos e garantias.

Na ação diária por melhores condições de vida, na capital e no interior de São Paulo, os operários, os camponeses, setores cada vez mais importantes da população encontram pela frente a violência policial.

Reagem, e assim a luta econômica passa imediatamente ao plano superior da luta política. O povo aprende que suas justas conquistas só podem ser alcançadas através de uma firme luta pelas liberdades democráticas.

Enfrentando o terrorismo do governo do velho tirano Vargas e seu preposto paulista, o beato Garcez, o povo de São Paulo verifica por sua própria experiência que está submetido a um governo patronal, a serviço dos tatus das latifundiárias, dos grandes capitalistas dos lucros máximos e dos trustes norte-americanos como a Light, a Bond and Share, Standard Oil, Anderson Clayton.

Lutas no campo, em todo o interior

Depois das memoráveis batalhas da classe operária e de toda a população da capital contra a carestia, luta que teve seus pontos mais altos no desfile de 200 mil pessoas — o desfile das panelas vazias — na greve de 300 mil operários unidos em pacto intersindical e nos combates de corpo a corpo com a polícia, durante três dias seguidos, na Praça da Sé, e por ocasião da «visita» da esquadra norte-americana, vemos que se levanta com ardor crescente a luta dos camponeses paulistas, a luta de populações inteiras em cidades importantes como Araçatuba, Campinas, Piracicaba e outras localidades, contra o racionamento, contra a carestia.

Quando o governo publica «dikats» fascistas, ameaçando reprimir as manifestações, o povo sai à rua, ataca as sedes das empresas de eletricidade, impõe a baixa imediata de preços de artigos de primeira necessidade, responde às prisões e aos espancamentos com outras tantas manifestações de protesto e com a organização

que se inicia para novas e cada vez mais altas e mais vigorosas lutas

Repressão a ferro e fogo

Diante dos preparativos para a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, em animadas e grandes assembleias nas diferentes zonas, o governo dos latifundiários perdeu a cabeça e se lançou a atos de desatino. Sobretudo na Alta Sorocabana e na Alta Mogiana, as violências policiais chegaram a excessos horríveis.

Mas os camponeses reagiram, não se intimidaram, realizaram suas assembleias preparatórias, elegeram delegados e participaram ativamente de sua conferência nacional. Além disso, fizeram ouvir sua voz no Congresso Algodoeiro que teve lugar em Rancaria, promovido por latifundiários, com o apoio de Getúlio, Garcez e de tubarões da indústria como Guilherme da Silveira, da fábrica Bangu do Distrito Federal.

Em Ameliópolis, por exemplo, a polícia cercou uma ca-

sa em que se realizava uma reunião de camponeses. Verificando que os camponeses resistiam, os bandidos policiais puseram fogo ao mato existente na vizinhança. Pretendiam reduzir a cinzas os camponeses. Inclusive mulheres e crianças que estavam na casa cercada.

Prisões em massa realizaram por indicação dos tatus. Houve muitas prisões ainda na fazenda Guaraucaia, do latifundiário Artur Ramos, onde foi desrepeitada a inviolabilidade dos lares dos camponeses e mesmo acontecendo em Mirante do Paranapanema e em Paraguaçu.

Ataque a capoeira

Em Brasil, distrito de Presidente Bernardes, camponeses que, reunidos, preparavam sua participação na concentração de Presidente Prudente, foram cercados pela polícia. Romperam o cerco e se esconderam numa capoeira próxima. Então os bandidos do DOPS atearam fogo ao mato. Os camponeses só não pereceram carbonizados porque a capoeira era cortada por um córrego. Todos se meteram dentro d'água enquanto o incêndio lavrava impetuosamente. O lavrador Valdomiro Alves, que sofreu assim mesmo diversas queimaduras, declarou em Presidente Prudente:

— Só escapei devido a estar mergulhado no córrego, mas cheguei em casa queimado e quase nu, tendo perdido todos os meus objetos. Para salvar a vida, nessa selvagem caçada policial, tive de andar a pé 30 quilômetros, grande parte por dentro do mato.



A polícia de Vargas-Garcez quando efetuava prisões durante o aparatoso assalto à redação do NOTÍCIAS DE HOJE

Na Alta Mogiana a luta se desenrola contra o racionamento da energia elétrica, o governo intervindo com brutalidade. Em Ribeirão Preto foram presos de uma vez 18 trabalhadores que protestavam contra a carestia. Desse, 10 foram soltos imediatamente, devido à solidariedade da população. Os oito restantes foram envolvidos num processo forjado pela polícia. Mas os protestos crescentes da população repercutiram de tal forma que o próprio Supremo Tribunal Federal pôs abaixo o processo, concedendo «habeas corpus» às vítimas da violência.

Ocupação de sedes sindicais

O caráter de classe do governo de latifundiários e grandes capitalistas se revela mais claramente nos dias de greves, de lutas nas ruas.

Foi o que vimos no recente movimento grevista dos trabalhadores da empresa de bondes de Santos, a SMTC. Agentes da polícia marítima e tiras do Dops, às ordens do prefeito Antonio Feliciano, que por sua vez obedecia à Ligat, a principal interessada na transformação daquela seção da antiga City em SMTC, assaltaram e depredaram a sede do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos de Santos.

Mas a greve prosseguiu firmemente, até a vitória das reivindicações principais dos trabalhadores.

Repetiu-se, assim, em Santos, o que aconteceu na capital durante a greve dos 300 mil têxteis metalúrgicos e marceneiros. A sede sindical dos marceneiros, certo dia, foi violentamente ocupada pela polícia. Mas já no dia seguinte o governo ceia obrigado a recuar, entregando o sindicato aos trabalhadores. Nos seus avanços e recuos, indicando ao mesmo tempo vontade de servir aos patrões e fraqueza diante do proletariado em luta, Garcez mandou ocupar o Hipódromo, onde os grevistas se encontravam em assembleia permanente. Foram tais os protestos, que de novo o beato dos Campos Eliseos recuou, restituindo o Hipódromo aos grevistas.

Assalto à redação de «Notícias de Hoje»

No momento em que escrevemos, ainda perduram os efeitos da violência policial contra o órgão dos trabalhadores e do povo, «Notícias de Hoje», que teve sua redação invadida e depredada após assalto a mão armada que os tiras e soldados da Força Pública levaram a efeito em plena luz do dia, numa rua central de São Paulo.

A redação continuava interdita e grande número de redatores eram mantidos sob prisão ilegal. As medidas judiciais promovidas para a reivindicação de posse da sede e a libertação dos presos sofreram toda sorte de protelação da parte de juizes fascistas. Estes estão mostrando também ao povo que todo o aparelho atual do Estado funciona contra as liberdades democráticas, contra os direitos e garantias que a própria Constituição atribui teoricamente ao povo.

O jornal e seus redatores estão sendo cercados da mais ampla solidariedade dos trabalhadores e de todas as demais forças progressistas de São Paulo, do Rio e de todo o país. Entre as mais expressivas manifestações de solidariedade, devemos destacar os votos unânimes de protesto em grandes assembleias de têxteis e de metalúrgicos, além do pronunciamento de vários outros sindicatos, através de suas diretorias e de seus líderes mais prestigiosos. O governo de Vargas e Garcez foi publicamente condenado por esse ato de vandalismo em moção vigorosa do V Congresso Nacional de Jornalistas.

Cidadãos presos e processados

Sobe a várias dezenas, em todo o Estado, o número de cidadãos presos ou processados por sua atuação em defesa dos interesses elementares do proletariado, dos camponeses, das grandes massas populares e da própria economia nacional, bem como em

defesa, da paz, da liberdade e da independência de nossa pátria.

Por todo o interior se levanta a bandeira da liberdade, solidarizando populações inteiras de cidades e localidades importantes com as vítimas da reação. Reclamam os paulistas a liberdade para o dr. Silva Guerra, médico que se encontra na cadeia medieval de Regente Feijó, cumprindo pena de 18 meses, por sua dedicação à causa dos camponeses.

Outra figura querida, o naturalista Dr. Paulino Rechi, processado por ser progressista e defensor da paz, reúne a simpatia dos paulistas amantes da liberdade. No seio do povo e nos círculos intelectuais, entre parlamentares de diferentes partidos, está sendo reclamada a anulação da pena injusta que atingiu o jornalista Francisco de Paula Campos Oliveira, redator do «Hoje», envolvido num processo policial-militar após o assalto e o fechamento arbitrário daquele querido órgão da imprensa popular.

O número de vítimas da reação cresce agora com o processo-farsa que o Dops engendra contra os redatores de «Notícias de Hoje».

Essas manifestações de solidariedade, essas lutas do povo pelas liberdades democráticas, se se fundirem num grande movimento de opinião, ligando-se às demais formas de luta do povo por seus direitos, influirão para que se chegue mais rapidamente à ampla frente única de todas as forças progressistas contra a ordem de coisas atual.



O jornalista Antonio Cardoso Treme momentos antes de ser atirado no interior do imundo carro de presos

EDITORIAL

A Luta do Proletariado e as Organizações Populares

SOMENTE em 1953, mais de 700.000 grevistas em todo o país ergueram-se com decisão e coragem contra a fome e a miséria. Este fato influi decisivamente na vida de toda a nação. De um lado, os traidores da pátria que exploram sem entranhas o povo, procuram esmagar e acorrentar o gigante que começa a romper os grilhões. De outro lado, todos os que anseiam por libertação da exploração e da opressão sentem-se encorajados e dispostos a agir.

Dividem-se as águas. Percebe-se mais rápida e mais claramente quem é amigo e quem é inimigo do povo. Este é um dos grandes méritos do movimento operário.

O proletariado, em sua luta, choca-se inevitavelmente com o governo de Getúlio Vargas, que tudo dá aos americanos e nega as menores reivindicações dos trabalhadores. O governo que tudo dá aos grandes fazendeiros e grandes capitalistas desmascara-se como sustentáculo da carestia e como o fiel cão de guarda dos lucros dos tubarões contra o legítimo direito operário ao aumento de salários. Não raro, os trabalhadores têm de enfrentar a violência dos dominadores em sangrentos choques de rua. Evidencia-se o caráter de traição nacional, de fome e terror do governo Vargas. Esse é outro grande mérito do movimento operário.

Nesta luta, o proletariado põe a nu as maselhas deste regime podre. E abre as perspectivas da possibilidade e da necessidade imediata dum novo poder, dum novo governo. Mostra a solução dumha democracia do povo contra os latifundiários, grandes capitalistas e seus amos americanos. O proletariado impõe-se cada vez mais como a força combativa e dirigente de toda a nação na sua luta

por melhores dias. Esse é outro mérito histórico do movimento operário que se alça e cresce no país.

A massa da população aplaude e apoia com simpatia a luta da classe operária e tem o máximo interesse em unir e organizar suas forças para ajudar a grande luta comum e acelerar a conquista da vitória. A experiência do movimento operário ensina a todos os patriotas que as lutas dos trabalhadores são cada vez mais potentes porque foram desencadeadas a partir das organizações sindicais existentes. Para que as lutas das demais camadas laboriosas da população e das amplas massas populares se desenvolvam é necessário também partir das atuais organizações populares, qualquer que seja o seu tipo e por mais débeis que sejam no momento. Através da luta contra a carestia, o racionamento, da luta pela paz, contra o entreguismo, da luta pela posse da terra por quem a trabalha, do movimento patriótico — as organizações populares de massas se desenvolverão, arrastarão milhões de pessoas.

Os males que atingem o proletariado e contra os quais ele se ergue são os mesmos que ferem a maioria da nação. Ao lutar por seus interesses, a classe operária defende a nação toda. A classe operária abre o caminho, pois as lutas populares se desenvolvem à base das lutas operárias. Apoiar o proletariado é uma condição básica para a conquista das reivindicações, notadamente dos camponeses, das mulheres e dos jovens — eis como se exprime a necessidade do apoio mútuo, da unidade das forças populares com a classe operária. Levantar as organizações populares à luta é acelerar a formação da frente única que derrubará este governo de desgraça e de ruína para substituí-lo por um governo de paz e independência nacional.

Nos 4 Cantos do Mundo

ADMISSÃO DA CHINA

O Primeiro Ministro da Índia, sr. Nehru, discursando na Câmara do Povo, declarou que somente pode-se representar na ONU, a China Popular, como um governo que realmente pode tomar decisões, e o nome da China.

SABOTAGEM AMERICANA

O delegado soviético na ONU, André Vishinskiy, propôs, na abertura da Assembleia Geral da ONU, a discussão da composição da Conferência Política da Coreia. Trata-se da participação de países não beligerantes, como a China, a Índia, o Paquistão, a Birânia, na Conferência. A proposta foi rejeitada pelo representante dos imperialistas Henry Cabot Lodge, empenhado em ameaçar a paz definitiva na Coreia.

O PETRÓLEO E A SRA. KEE

A sra. Elizabeth Kee, representante do Partido Democrata no Senado americano, ficou «surpresa e atônita», ao receber a notícia que a Argentina resolveu comprar da União Soviética e das democracias populares, 10.000 toneladas de petróleo cru por dia. O «argumento» da sra. Kee, é que a Argentina poderia comprar o petróleo da Venezuela e que a URSS fica muito distante. Na realidade, a coisa é diferente. A sra. Kee está defendendo os interesses da Standard Oil na Venezuela.

Amizade Soviético-Coreana

Dos entendimentos feitos durante a visita da delegação coreana à União Soviética resultou um reforço da amizade entre a República Popular da Coreia e a URSS. Na visita realizada foi examinado o problema da solução pacífica para a Coreia. A URSS colocou à disposição dos coreanos 1 bilhão de rublos para a reconstrução das centrais hidroelétricas do Rio Ialu, a construção de fábricas, e o fomento da agricultura coreana.

ADENAUER DECRETA ...

O primeiro decreto do governo de Adenauer, após as eleições, foi a criação do Ministério da Guerra. Esse ato guerreiro do governo visa aumentar a tensão internacional.

O «TRONO» DA NICARÁGUA

O presidente da Nicarágua, o tirano Somoza, o autor do assassinato do general Sandino, herói nacional popular de sua pátria, nomeou o próprio filho para substituí-lo na presidência durante a sua viagem ao Brasil.

« Os Mesmos Argumentos » de André Vishinski São Cada Vez Mais Contundentes Para os Imperialistas



ANDRÉ VISHINSKI

Os Fatos... São os Fatos

Em discurso recente, pronunciado em Tucuman, afirmou Perón: «Por isso, senhores, digo que é magnífica a situação econômica. «Todavia, conforme demonstra o jornal «Nuestra Palabra», utilizando os dados oficiais da Diretoria Nacional do Serviço de Estatística, a produção industrial caiu do índice 150,8, em 1951, para 110,2, em 1953. Enquanto, em 1951, houve 36.137 protestos bancários devido à falta de pagamento, em 1952 os protestos atingiram 70.126 títulos.

A situação agrícola não apresenta melhores resultados. A colheita de milho que foi de mais de 10 milhões de toneladas, em 1941, passou a 5.200.000 toneladas, em 1949 e, em 1952, atingiu apenas 3.620.000 toneladas. O trigo, cuja produção fora de 8.150.000 toneladas, em 1940-41, atingiu apenas 7.800.000 toneladas na colheita 1952-53.

Quanto ao gado, enquanto nos primeiros meses de 1952 foram sacrificadas 724.500 cabeças, no mesmo período de 1953 só foram abatidas 575.700 rézes.

CRÔNICA INTERNACIONAL

A Reunião do Bureau do Conselho Mundial da Paz E o Plebiscito Nacional Por Negociações

O desenvolvimento da situação internacional caracteriza-se atualmente pelo crescimento incessante das forças da paz, que podem impor sua vontade, e pelo acirramento dos meios belicistas que, desesperados, esforçam-se à porfia para mergulhar o mundo em uma nova guerra criminosa.

Depois da magnífica vitória alcançada pelos povos amantes da paz, que forçaram os dirigentes monopolistas norte-americanos e seus acelas à assinatura do armistício na Coreia uma série de manobras insidiosas visam o torpedeamento das possibilidades de negociações entre as grandes potências. Está claro que todas essas manobras partem dos grupos monopolistas norte-americanos, que são o centro e a alma da reação mundial e são apoiadas pelos governos servis instalados nos países membros do Tratado do Atlântico Norte.

Dois fatos, particularmente, merecem uma especial vigilância das pessoas honradas, pela gravidade de que se revestem em relação à paz mundial: a sabotagem preliminar à Conferência Política destinada a resolver a questão coreana e a política desenvolvida em relação à Alemanha ocidental. Quando à Coreia, são claros os desígnios belicistas dos meios dirigentes norte-americanos. Recusando a proposta soviética para que a Conferência Política se realizasse no estilo de mesa redonda entre os beligerantes e os principais interessados na questão do Oriente, a representação norte-americana na ONU conseguiu impor à organização internacional um perigoso passo. Foram excluídos da conferência política, os principais países asiáticos, pois dela não participaram a Índia, a Birânia, a Indonésia e o Paquistão, sem contar com a União Soviética que só foi incluída pela ONU em condições especiais. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos assinaram pacto de assistência com o títere Singman Ri, fechando assim o caminho para a reunificação pacífica do país e preparando ativamente o reinício da agressão.

Na Alemanha onde, às vésperas do armistício da Coreia, foi tentado o putsch naziflanque sobre Berlim novas e graves medidas permitem constatar o crescimento da ameaça à paz européia e mundial. Rechaçando a nota

A propaganda norte-americana e britânica procura silenciar as propostas pacíficas e construtivas apresentadas por André Vishinski, delegado permanente da União Soviética na O.N.U., durante o atual período de sessões. Para distrair a atenção do público limitam-se a informar que o delegado soviético falou durante duas horas e que «repetiu os mesmos argumentos». Seguem, alias, neste ponto a orientação que lhes indicam os próprios representantes das grandes potências imperialistas na Organização das Nações Unidas, srs. Dulles e Lloyd.

Na realidade, nem as nações imperialistas, nem a imprensa que as representam em todo o mundo, estão interessadas em divulgar «os mesmos argumentos» do representante soviético.

A delegação da URSS, baseada nas mesmas circunstâncias e nas mesmas necessidades internacionais, renovou algumas de suas propostas anteriores e apresentou outras. Essas propostas atendem aos interesses de todos os povos, inclusive aos interesses do povo norte-americano. Vishinski apresentou à Assembleia Geral um texto de resolução do qual constam: proibição do emprego das armas atômicas, ficando o Conselho de Segurança encarregado de garantir o controle dessa proibição; redução imediata de um terço das forças armadas das grandes potências e proibição a qualquer país de manter no território alheio bases estratégicas que ameacem a segurança de outros povos.

Essas três proposições soviéticas concretizam, mais uma vez, a aspiração de paz da humanidade que os norte-americanos e seus parceiros pretendem conduzir à fogueira da guerra. Um dos argumentos mais sovados da propaganda americana no passado, quando alardeava o monopólio da bomba atômica, era o de que a União Soviética defendia a interdição dessa arma por não estar de posse dela. Cada vez

fica mais claro para todos que a URSS defende inabalavelmente uma política de princípios que não sofreu qualquer alteração pelo domínio que exerce sobre todas as armas atômicas. A redução das forças armadas e a extinção de bases em território estrangeiro são igualmente velhos temas que desde 1946 foram a política agressiva dos Estados Unidos. Não é realmente agradável a uma nação que mantém 94 bases de agressão em todo o mundo e gasta dois terços de seu orçamento em despesas de guerra discutir publicamente suas indefensáveis posições.

Um dos pontos mais importantes do discurso de Vishinski foi aquele em que abordou a necessidade de ampliar a Conferência Política sobre a guerra da Co-

reia, conferência da qual foram excluídos os principais países asiáticos graças ao voto de cabresto dado ao Departamento de Estado por sua claqué latino-americana. Mais de uma vez, pressionado pelas grandes potências imperialistas, o Conselho da ONU rejeitou a ponto de vista da URSS que é o único justo.

As vitórias eleitorais alcançadas pela delegação americana na ONU estão longe, todavia, de atestar a solidez de sua política. Elas se baseiam nos votos de quislings repudiados por seus povos.

É natural, portanto, que «os mesmos argumentos» de Vishinski apresentem-se cada vez mais contundentes, para os mesmos incediários de guerra.



HITLER: Meu querido Konrad, já que você segue tão conseqüentemente meu caminho, não esqueça de levar consigo também «veneno para ratos». Foi a única coisa que me permitiu escapar da força.

Caricatura de NOVAK

O Camponês Juvêncio na Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas



UM dia o dono da fazenda mandou o pai de Juvêncio carregar um caminhão numa pedreira. Uma pedra caiu e esmagou-lhe o pé. Veio a gangrena e o camponês morreu. Juvêncio tinha cinco anos.



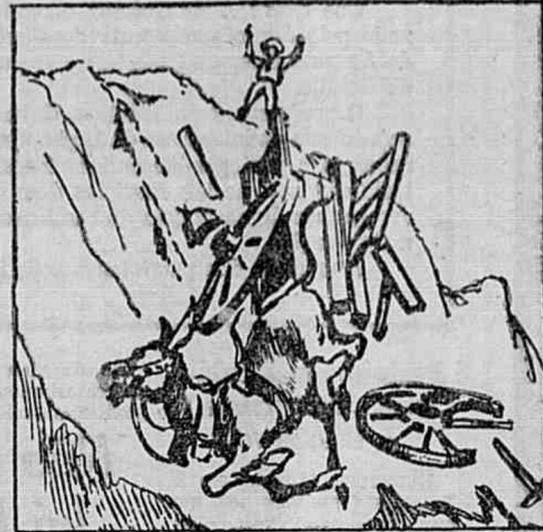
A FAMÍLIA ficou na miséria. A mãe de Juvêncio teve que dar os filhos. Ele foi entregue a um tio que o obrigava a trabalhar como besta de carga e o espancava sem dó nem piedade.



NÃO podendo suportar os maus tratos, Juvêncio fugiu. Caminhou um dia e uma noite até encontrar um caminhão. O chofer, que não tinha filhos, resolveu levá-lo para sua casa e ficar com o menino.



DEPOIS de algum tempo, outro tio descobriu-lhe o paradeiro e levou-o consigo. Recomeçaram os maus tratos. Juvêncio, indignado, resolveu fugir de novo e ganhou a estrada outra vez.



NA construção duma ferrovia, conseguiu trabalho. Dirigia um carrinho puxado por um burro com terra para o aterro. Um dia, o burro caiu dum barranco de 40 metros e morreu. A carroça despedaçou-se.



JUVÊNCIO foi levado ao escritório e enviado à prisão, como um criminoso. Estava doente e não enxergava bem. O delegado de polícia teve que soltá-lo porque o preso era menor de idade.



JÁ homem feito, trabalhou de cocheiro, colheu algodão, dirigiu o caminhão dum japonês. Enamorou-se duma linda camponesa, filha dum sítante duma fazenda do grileiro Lunardeli.



MAS era proibido de fazer visita sem licença. Um dia, Juvêncio foi atacado pelos capangas de Lunardeli. Em legítima defesa, desarmou um dos bandidos e justicou-o ali mesmo.



NA prisão porque não admitia que só pudesse ver a noiva com licença de Lunardeli. Quando saiu, casou e foi trabalhar num sítio. Fêz a queima, plantou, pediu dinheiro emprestado.



PARECIA que tudo ia bem. Mas de tanto trabalhar a mulher adoeceu. Juvêncio fez tudo para salvar a companheira. O mato tomou conta da lavoura. Por fim teve que entregar tudo ao dono da fazenda.



UM dia veio à cidade cortar o cabelo. Viu um camponês falar numa conferência de trabalhadores agrícolas, falava na distribuição das terras. Isso lhe agradou e ele foi pondo o assunto na idéia.



CONVERSOU sobre o caso com os companheiros. Levaram-no a uma reunião com um operário chamado João. A vida de Juvêncio modificou-se. Foi eleito para a Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas.

FRENTE ÚNICA PARA A ENCAMPACÃO DA LIGHT

O RACIONAMENTO ASFIXIA O MAIOR CENTRO INDUSTRIAL DA AMÉRICA LATINA

SÃO PAULO É O MAIOR CENTRO INDUSTRIAL DA AMÉRICA LATINA!

EM toda parte podia-se encontrar esta legenda otimista que rolava pelas ruas de São Paulo nos costados dos bondes da Light. Por mais de vinte anos esta verdade foi propagada aos quatro ventos, cantada em prosa e verso.

Agora, mergulhado nas trevas do racionamento o maior centro industrial da América Latina, sumiu dos cartazes aquela altiva afirmação de orgulho. Ao contrário, os poderosos do momento, com seu fraço e precário poder, fazem coro com a Light para dizer que «São Paulo cresceu demais», que é preciso não progredir, não avançar, mas regressar e recuar. O



Getúlio e o diretor da Light, o americano Nicholson, confraternizam numa festa promovida pelo pólvor ianque-canadense

sr. Garcez vai ao norte e fala — não em planos de desenvolvimento e progresso de S. Paulo — mas no nosso capitalismo com exageradas pretensões. O primeiro a ser atingido com os planos anunciados pelo sr. Osvaldo Aranha — diminuir o ritmo da industrialização — é São Paulo. A Light inventa e apela de «megápolis» para S. Paulo, a cidade que cresceu demais, gigante de calças curtas, de crescimento desordenado e por isso em dificuldades, às voltas com uma crise tremenda de racionamento de luz e força.

Mas São Paulo, como todo e Brasil, não pode e não quer se conformar com isso. Procura saber a causa verdadeira e profunda do racionamento, procura uma solução para o tremendo problema, aponta os responsáveis e os meios de acabar com isso.

O PRIMEIRO E MAIOR ATINGIDO: O PROLETARIADO

O racionamento de energia elétrica corta na carne da classe operária. Nas grandes assembleias sindicais que se multiplicam, os trabalhadores denunciam as consequências tremendas do racionamento.

Em algumas grandes empresas — especialmente têxteis, metalúrgicos e borracheiros — já foi despedido cerca de um terço dos trabalhadores. As garantias da legislação social são anuladas de golpe. Os operários são obrigados a ficar doze e mais horas à disposição dos patrões, com mudanças de horário que desorganizam a sua vida e reduzem seus salários. As mudanças de horário fazem com que os operários paguem no serviço ora de madrugada, ora ao meio dia, ora às seis da tarde, ora à meia noite. O número de horas na fábrica não corresponde ao número de horas de trabalho e há uma redução da jornada de trabalho com um corte arbitrário nos salários, que chega a ser de um terço. Não há pagamento dos adi-

cionais para o trabalho noturno que consome mais intensamente a energia e a saúde do trabalhador. Devido à falta de energia, a diminuição do rendimento das máquinas afeta o ganho dos que percebem por tarefa e que são a maioria.

De outro lado, o racionamento é um fator de encarecimento do custo da vida. É o custo da produção que cresce. São trens elétricos enostados e portanto gêneros alimentícios que não são transportados.

A ameaça existente de colapso do sistema gerador da Light significa o perigo iminente de desemprego para milhões de trabalhadores, fome e negra miséria para meio milhão de lares operários. Nestas condições a luta do proletariado bandeirante em defesa dos seus salários e condições humanas de trabalho e de vida, em defesa do pão e do teto para suas famílias se chama luta contra o racionamento.

GETÚLIO, GARCEZ E SUA POLÍCIA A SERVIÇO DA LIGHT

NUMA vã e ridícula tentativa de impedir a Convenção, a polícia vendida-pátria de Garcez divulgou uma nota proibindo «quaisquer comícios ou manifestações contra o referido racionamento em todo o Estado».

Para desferir esse atentado à Constituição e às liberdades democráticas, os beaguins invocaram a «ciência» e a «lei».

Que «ciência»? A da Light, dizendo que a «normalização» do serviço de fornecimento de energia elétrica depende, como é óbvio, somente da natureza, no atual momento.

Que «lei»? A de Getúlio, dizendo que o racionamento «foi determinado pelo órgão competente do Governo Federal — Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica» e ameaçando com a nova lei de segurança a Convenção.

A unidade dos patriotas é mais forte. E vencerá.

Prejuízos incalculáveis a indústria e a todo povo

Numerosas fábricas em S. Paulo são punidas por um crime que o Código Penal não prevê — a desobediência sistemática ao racionamento. A Light julga em causa própria sob os aplausos e com as garantias do governo.

São incalculáveis os prejuízos causados às empresas: os capitais empatados em custosas instalações e equipamentos que não funcionam com pleno rendimento; os lucros cessantes e até as multas pela não entrega de encomendas; o abandono dos planos de produção para atender às necessidades crescentes da população — tudo isto somado deixa perceber claramente que a indústria não poderá suportar semelhante situação por muito tempo mais.

As pequenas e médias empresas são levadas à beira da falência num curto prazo. Não há ligações novas para a indústria. A solução precaríssima dos geradores encarece brutalmente o custo da produção, que se reduz mais e mais.

O racionamento atinge em cheio todas as camadas da população. Afeta os transportes coletivos que sobem de preço, perturba o funcionamento de hospitais, paralisia refrigeradores, ferros elétricos, máquinas de costura, receptores de rádio. Até um projeto de extinção da iluminação pública noturna foi apresentado.

Não é de admirar, pois, que a luta da indústria nacional pelo seu desenvolvimento ulterior e mesmo pela sua sobrevivência se trava antes de tudo no terreno da luta contra o racionamento e pela extinção das causas do racionamento. A luta de todo o povo por um mínimo de condições razo-

veis de vida tem que ser necessariamente uma luta contra o racionamento.

Não há Falta de Chuvas, há Falta de Instalações

Qual a causa da falta de energia elétrica?

A Light dá uma resposta simples e mentirosa. Mister Borden, discursando na Câmara Americana de Comércio de São Paulo, disse que a Light planejou em tempo a ampliação de suas instalações, que é normal é a estiação, que a Light não é responsável pela estiação.

Mas o ponto da seca não assiste à mais leve crítica:

1 — As instalações da Light estão encravadas na Serra do Mar. Ora, a Serra do Mar é um dos lugares em que mais chove no mundo. Um homem insuspeito como o geógrafo francês Pierre Defontaine, antigo professor da Universidade do Distrito Federal, escreve em sua «Geografia Humana do Brasil», publicada em 1940 pelo Conselho Nacional de Geografia: «... a Serra do Mar, que recebe em todos os pontos mais de dois metros de chuva e, em certos lugares, até seis metros, é uma extraordinária reserva de água, suspensa a mais de 1.000 metros acima do nível do mar.»

2 — O aproveitamento das águas para as usinas de eletricidade se faz não de acordo com o nível máximo ou médio — mas pelo mínimo dos mínimos revelado em prolongados estudos. A lenda da seca já foi desmentida em 1925, quando da primeira crise de energia elétrica, pelo relatório Saturnino de Brito, que já nomeia a Light e mostra que o nível mínimo das águas não tinha sido atingido.

E a Light cuidou de amenizá-lo? Eis o que pliar os instaladores? A atual crise de energia será demonstrar os fatos:

1 — Há 11 anos a missão Morris Cook levou de Brasil um imenso dossiê,

Esta batalha é a luta contra a Light, o pólvor imperialista.

com relatórios completos e detalhados sobre o assunto.

2 — Profissionais e técnicos, reunidos na Escola Politécnica de São Paulo, fizeram um levantamento completo das indústrias químicas, metalúrgicas, de transportes, de máquinas e motores, etc. Foi um levantamento da situação exata de São Paulo e do Brasil, oferecido gratuitamente à Light.

3 — Em 1942, um grupo de especialistas e técnicos em serviços públicos elaborou um documentado relatório sobre as necessidades de energia dos serviços urbanos e ferroviários, mostrando que a escassez de energia já era alarmante naquela época.

4 — Em 1945, mister Billing, presidente da Brazilian Traction, reconheceu perante a Comissão Especial do Plano Nacional de Eletricificação que, de 1922 a 1944 o aumento de consumo de energia no Rio foi de 33 e em São Paulo foi de 83 prometendo a instalação de novas unidades.

5 — Em 1948, a Light obteve um empréstimo de 90 milhões de dólares com a garantia do governo brasileiro para construir novas instalações.

Verifica-se com facilidade que não só não há falta de água como não é verdade que a Light tenha sido colhida de surpresa, que a crise tenha sido «imprevisível». O que fica bem claro é que a Light, calculadamente, deixou a situação agravar-se, visando a obter maiores concessões, assegurar a sua posição privilegiada de monopolista e aumentar seus lucros.

A indústria do racionamento dá lucros máximos

A Potência instalada em todo o Estado é de... 1.100.000 cavalos vapor. Para atender às necessidades mínimas dos atuais consumidores a Light faltam mais... 1.250.000 cavalos vapor. Mas as ligações pedidas e não feitas somente em dezembro de 1952 elevam-se a 750.000 cavalos vapor. O déficit no Rio é de 1.300.000 cavalos vapor. Mas a Light não pagou juros por esses depósitos, mas os lucros máximos que crescem em progressão geométrica.

Diante dessa situação parece que a Light é uma empresa que faz negócios. Pois está em falta para vender a sua energia — a eletricidade. Mas é o contrário que acontece. Quanto maior o racionamento, mais cresce o lucro da Light. E não são lucros comuns, lucros médios, mas lucros máximos que crescem em progressão geométrica.

A Light não trouxe nenhuma das usinas existentes em São Paulo, por volta de 1900, para o pagamento foi feito mediante crédito aberto pelo Royal Bank of Canadá. Sabe-se que esses bancos estrangeiros operam com depósitos de clientes brasileiros. Os recursos do Royal Bank of Canadá foram os lucros dos assinantes de luz, força, gás e telefonia. A Light não pagou juros por esses depósitos, mas os lucros máximos que crescem em progressão geométrica.

As instalações do Rio de Janeiro em 1952 elevaram-se a 13 bilhões e 600 milhões de dólares, isto é 136 vezes o capital inicial.

A revista econômica «O Estado» revela que a Light enfiou para o exterior 653 milhões de dólares, mais 42 milhões do que em 1949. Em 1951, exportou 695 milhões, mais 85 milhões do que em 1950. Em 1952, exportou 780 milhões, mais 160 milhões do que em 1951.

Trata-se, portanto, de uma progressão geométrica do aumento dos lucros da Light — de 20 para 40, de 40 para 80, de 80 para 160. O lucro da Light não é fonte de lucros máximos é a indústria do racionamento.

Mas os cálculos feitos pela Light ainda não dizem tudo. É preciso tomar em conta a desvalorização dos reais exportado em 1930, no Brasil, representando de 1918 a 1920, nessa base, tomando-se como ponto de partida o valor de 100 mil cruzeiros, não 136 vezes mais.

É claro que a encampação da Light, em tais circunstâncias, é até uma medida generosa. Pois — se suas instalações atuais, forem avaliadas pelo seu custo histórico como determina o Código de Águas em vigor; se forem cobradas as multas pelo não cumprimento do contrato; se forem cobradas as indenizações pelos prejuízos causados — a



Durante mais de vinte anos que o crescimento da cidade e o aumento de consumo de eletricidade eram imprevisíveis.

Menos quiliútes por mais cruzeiros

Os lucros da Light aumentam independentemente do aumento de suas instalações. Os lucros crescem, o funcionamento decresce. Como acontece isto?

Gozando dos privilégios do monopólio, a Light pode fazer o seguinte com a mais completa convicção dum governo que governa para ela e contra o povo:

1 — aproveitamento constante da capacidade máxima de produção durante 24 horas por dia. Em condições normais, as instalações elétricas devem fornecer 50% de sua capacidade. A Light extrai 90 e até 92%. As máquinas dão tudo o que podem, qualquer nova instalação só é feita quando sua capacidade máxima de produção já está previamente vendida.

2 — diminuição e até corte do fornecimento dos grandes consumidores que pagam menos. Por exemplo, de tarifas, a distribuição dos preços, é a seguinte: 0,70 para os pequenos consumidores, 0,44 aos médios consumidores e 0,22 para os grandes consumidores. Cortando aos médios e grandes para vender aos pequenos a Light vende a mesma energia pelo dobro e pelo triplo.

3 — diminuindo a voltagem obriga o consumidor a um dispêndio maior, agora ela está fornecendo em São Paulo de 80 a 90 volts, um déficit de quase 30 volts na corrente. Que acontece? Se o ferro de engomar levava 10 minutos para esquentar, agora leva 15. Para se obter a iluminação que dava antes uma lâmpada de 25 volts, agora precisa-se de outra que gasta de 50 a 100 vezes para poder ler e ainda se fica pensando que é a vista que está piorando...

A quem serve a Light?

É claro que a encampação da Light, em tais circunstâncias, é até uma medida generosa. Pois — se suas instalações atuais, forem avaliadas pelo seu custo histórico como determina o Código de Águas em vigor; se forem cobradas as multas pelo não cumprimento do contrato; se forem cobradas as indenizações pelos prejuízos causados — a



Eles mandam e o governo de lacaios diz anem. Está reunida a «Cobast» (Companhia Brasileira Administradora de Serviços Técnicos) que dirige a Cia. Carris de Luz e Força do Rio de Janeiro, The São Paulo Light & Power Co. Ltd., Companhia Telefônica Brasileira, Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro, The São Paulo Gaz Co., Ltd., The City of Santos Improvements Co., Ltd. O presidente da «Cobast» é Henry Borden, também presidente da «Brazilian Traction, Light & Power Co., Ltd. A cabeceira estão o americano John Robert Nicholson e o laçao Antonio Gallotti. Os demais são James Henry A'Court, Osborne Mitchell, João da Silva Monteiro, Pedro Renault Castanheira, Walter La Vern Simpson, José Garcia de Aragão, Odilon Egidio do Amaral Souza, Edgard Egidio de Souza, Eurico Sodré, George William Hufsmith, Kenneth Howard Mc Crimon e Robert William Robinson.

encampação sairá muito barata para o Brasil se é que a Light não vai ficar ainda nos devendo.

Mas não é esse o pensamento do governo de tração nacional de Getúlio, de Garcez e Cia. O que eles pretendem é arrancar mais impostos do povo para dar a Light, como se pode ver pelo projeto do Fundo Nacional de Eletricificação, pelas manifestações oficiais exigindo uma diminuição da industrialização do país.

Tudo isto está de acordo com os interesses do imperialismo americano, que é contrário ao desenvolvimento industrial do país. Embra o negue mr. Borden, a Light nada mais é do que um elo de poderosa associação capitalista. Ela faz parte da «The United Associations» que opera em todo o mundo e está ligada aos grupos monopolistas ianques J. P. Morgan, Carlsberg e Thorne, Loomis, etc., conforme demonstrou o engenheiro Robert Healy, na Conferência Internacional de Energia Elétrica, realizada em Washington, em 1936.

A "solução" da Light

A Light promete as usinas de Força-cava (para 1953), de Piratinga (para 1954) e a subestação do Cubatão (para 1955), num total 400.000 kw. quando os pedidos de li-

Convenção Pela Emancipação Nacional

A Convenção deliberou criar uma Comissão Permanente a fim de lutar pela aplicação das resoluções tomadas e deu seu inteiro apoio à Convenção Pela Emancipação Nacional, já convocada por numerosas personalidades.

A luta do povo paulista contra o criminoso racionamento da Light se organiza e avança, unindo todos os patriotas. Ela se funde com a luta de todo o povo brasileiro pela libertação nacional. Encampar a Light é, como disse o deputado Jaurés Guisard, um passo inadiável e indispensável para nos libertarmos dos demais trustes imperialistas.

A solução patriótica: encampação

Um grande passo para a união de todas as forças patrióticas para a luta contra o racionamento e a liquidação de suas causas foi a memorável Convenção Estadual que acaba de realizar-se em São Paulo. A convenção foi preparada por numerosas reuniões de debates, assembleias sindicais e manifestações populares em todo o Estado, destacando-se o quebra-quebra da Companhia em Aratuba e as demonstrações de Americana. Diversas Câmaras Municipais, como as de Marília, Bauri, Tupã, Botucatu, Guararapes e Ribeirão Preto, deram-lhe apoio oficial.

A Convenção foi convocada por deputados entre os quais os srs. Jaurés Guisard, Coutinho Cavalcanti, Euzébio Rocha; Scalabrini, Sobrinho, Eumélio Machado, Rogé Ferreira, Miguel Jorge Nicolau, Acaripe Serpa, Cid Franco, por vereadores, entre os quais os srs. Catidino Nogueira Sampaio, presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Fernando Figueiroa, André Nunes Junior, Rubens do Amaral, Gumercindo Fleury, William Salem, Armando Zemella, Miguel Sansigolo, Agenor Lino de Matos, Arruda Castanho, Ana Lamberg, pelos prefeitos Emerenciano P. de Barros, de Sorocaba, e Jorge Arbib, de Americana, pelos técnicos Catulo Branco e Plínio Branco, assessor do prefeito de São Paulo, engenhei-

A Posição da Classe Operária

A tendência dos patrões é descarregar sobre as costas dos trabalhadores as consequências desastrosas do racionamento. O proletariado se recusa, lutando cada vez mais energicamente, a suportar o peso do racionamento. A luta da classe operária pelos seus direitos e interesses específicos é a força motriz da frente única.

Um exemplo disso, temos na luta dos metalúrgicos paulistas. Eles apresentaram à Federação das Indústrias um memorial exigindo o respeito às suas reivindicações, notadamente no que se refere às consequências do racionamento. Os patrões alegaram que também sofrem com o racionamento, ao que respondeu o presidente em exercício do Sindicato, sr. José de Araújo Plácido:

— A solução para o caso é se unirem os patrões e operários para resolver de vez o problema do racionamento. Estamos prontos para essa ação comum. Porém mesmo em tal situação não permitiríamos que nossos direitos de trabalhadores sejam desrespeitados.

Em suma: frente única contra a Light, unido operários e patrões, sim. Conciliação de classes à custa dos direitos dos trabalhadores, não. Quanto mais e melhor os operários lutarem por todas as suas reivindicações, impedindo que os patrões sobre eles descarreguem o peso da crise, mais rapidamente os patrões terão que tomar a única atitude justa, isto é, terão que lutar contra a Light.

A Imprensa do Povo Revive os Ideais de Gutenberg

BREVE HISTÓRIA DA INVENÇÃO E DOS PROGRESSOS TÉCNICOS DA IMPRENSA
— QUEM DESFRALDA A BANDEIRA FRATERNAL DA VERDADE?

Antes não havia imprensa.

Essa admirável máquina que imprime os livros e os jornais que lemos não existia ainda. O livro, embora já conhecido, era objeto de luxo. Feito de pergaminho (pele de carneiro preparada com alume) e trabalhado por hábeis calígrafos, custava uma fortuna. Somente os abastados podiam comprá-lo. Exemplos raríssimos, conservados nos museus, são conhecidos genericamente como manuscritos (escrito a mão).

Conhecia-se os tijolos estampados da Babilônia e de Ninive; conhecia-se a xilografia, muito usada na China.

No ano de 868, Wang Chieh imprimia um pequeno livro de algumas páginas todo em xilografia (gravação em madeira). No século XI, outro chinês, Pi-Sheng, chegou a fabricar peças móveis de madeira com caracteres da língua chinesa. Entretanto, todos esses trabalhos primitivos de gravura estavam longe de constituir aquilo que mais tarde — 1440 — viria a se chamar imprensa, justamente o invento de Hans Gutenberg.

Por volta de 1436, Coster e Halem, na Holanda e Gutenberg, na Alemanha procuravam uma forma prática e econômica de imprimir livros. Eles faziam uso de uma prensa de construção rústica, toda de madeira. A princípio o trabalho consistia em gravar em baixo relevo, numa prancha, os dizeres que se desejava imprimir. Por esse processo foram impressos alguns exemplares de gramáticas latinas e livros de moral.

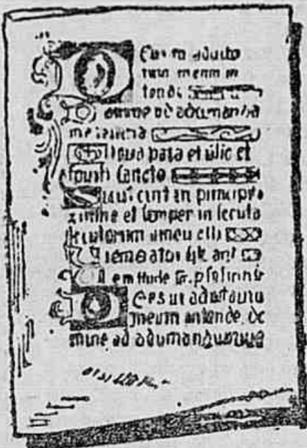
Os primeiros tipos

Avançando além de seus desconhecidos competidores Gutenberg abandona o sistema da prancha gravada e cria os primeiros tipos. Eram letras de madeira, graúdas, isoladas uma das outras, facilmente manejáveis, que se ajustavam na prensa, formando as palavras. Apesar do novo método a máquina de Gutenberg não ia além das 200 prensadas por dia. Um livro de 50 páginas, cuja edição fosse de 300 exemplares levaria 75 dias para ser impresso. Por que? Justamente porque totalizando o trabalho 15.000 páginas impressas, e a prensa de Gutenberg só produzia 200 impressões por dia, (cada impressão correspondia a uma página) é claro que somente ao fim de dois meses e meio estaria concluída a obra.

Associando-se mais tarde ao alemão Fust — um burguês que via naquele invento futura indústria rendosa — conseguiu Gutenberg o capital que necessitava para mandar fundir os tipos em metal (liga de chumbo-estanho), porquanto os de madeira facilmente se estragavam sob a ação contínua da prensa. Alguns anos depois, Fust apropriou-se da pequena oficina e expulsou Gutenberg da empresa.

O desenvolvimento

Com o passar do tempo a prensa criou raízes, era uma realidade. Todavia os trezentos anos decorridos quase nenhuma inovação trouxeram à máquina original, até que, em meados do século XVIII, Fernin Didot padronizou os instrumentos gráficos e criou a



Página de livro (gravação em madeira) impressa no século XV

unidade de medida tipográfica — o cícero.

Em 1800 a mais moderna impressora produzia já 5 vezes mais que a primitiva prensa de madeira.

Segundo Didot, o alemão Koenig lança, em 1814, a SCHNELLPRESS, que imprimia 800 folhas por hora. A nova máquina fez grande furor e os jornais da época, como o «Time» de Londres, dela se ocuparam. A SCHNELLPRESS foi o ponto de partida para o desenvolvimento da imprensa diária, com edições de milhares de exemplares. A impressora de Koenig já não era do tipo padrão — impressão por contacto de duas superfícies planas. Montara ele uma impressora de cilindro, inteiramente mecânica. Acionada a manivela, a máquina punha-se em movimento. O papel (ainda em folha) preso por garças ao cilindro giratório era levado à impressão no momento em que o cilindro começava a deslizar sobre a composição disposta no mármore. (mármore — peça cujo movimento de vai-e-vem conserva o nome primitivo da superfície plana inferior, fixa, na prensa primitiva, fei-

ta de mármore em virtude de oferecer maior resistência e melhor nível que a madeira).

Jornais aos milhões

Dois outros grandes avanços proporcionaram Mainone, na França, e Hoe, nos Estados Unidos; o primeiro com a impressora de molde cilíndrico (molde ou telha é a composição já fundida em forma cilíndrica. Em outras palavras: imagine-se um carimbo em forma de cilindro. Antes a composição de uma página consistia num amarrado de milhares de tipos que, ajustados dentro de uma peça

quadrada chamada rama, iam diretamente para a máquina. A composição, nesse caso é plana); Hoe, em 1862, com a rotativa, impressora que já emprega o papel em forma de bobina. Com o aparecimento dessa nova máquina de impressão contínua, a imprensa diária cresceu assustadoramente. As modernas rotativas chegam a imprimir 45 mil exemplares por hora. Existem, porém, modelos de rotativa, com várias seções conjugadas, podendo cada seção imprimir isoladamente, digamos, 40 mil exemplares simultaneamente — se a impressora for de 3 seções — 120 mil exemplares em 60 minutos. Só assim foi possível o advento de jornais com edições diárias de milhões de exemplares.

Também a chamada «máquina plana», aquela que Koenig inventara em 1814, evoluiu da sua forma primitiva. Enquanto o jornal se identificou plenamente com a rotativa, o livro, mais apegado às tradições das artes gráficas, exigindo melhor acabamento, tem preferência pela máquina plana. Mas estamos no século XX, época em que foi possível unir a perfeição à rapidez da técnica moderna. Assim, a plana «off-set» atual, produzindo dezenas de vezes mais que a impressora de Koenig, atende também à exigência de nosso tempo.

Quanto aos trabalhos de composição e gravura a também eles evoluíram muito.



Uma tipografia do século XV

Dois caminhos

Foi sobretudo a concorrência comercial que forçou a imprensa a adotar os modernos processos de impressão. Os jornais capitalistas inundam, diariamente, o mercado, com milhares de folhas que se imprimem em dezenas, em centenas de milhares e até milhões de exemplares.

Essa «imprensa» — que nem de longe encarna aqueles ideais de progresso que inspiraram Gutenberg — aparelhada com a mais moderna técnica difundida entre os homens. Ela não mais desfralda a bandeira fraternal da verdade. A herança honrosa de jornais que no passado se bateram pelas grandes causas encontrou, todavia, quem a defendesse com honestidade.

No Brasil, como em outras partes do mundo, essa herança é defendida pela imprensa democrática. São os jornais do povo que precisam também de máquinas modernas, pois assim como não se pode enfrentar com um machado de pedra um canhão moderno também não se pode derrotar a propaganda da burguesia, com jornais de tiragem limitada e mal impressos.

Há mais de quinhentos anos, quando o artesão da Moçambique instalou sua pequena oficina, sonhava com a difusão da cultura e da verdade entre os homens.

Essa aspiração que hoje vive nas páginas da imprensa popular merece, sem dúvida, o mais completo apoio de todas as pessoas de bem.

Fraude, Calote e Falência Do Governo do Vendilhão Garcez

Um agente do imperialismo só diz a verdade, mesmo que seja apenas uma parte da verdade, quando não tem mais nenhuma possibilidade de continuar mentindo. E até nesses momentos extremos, a meia verdade que confessa tem a finalidade de preparar o terreno para nova onda de falsificações.

Assim foi que fez algumas confissões sobre a situação financeira do governo do «honrado» vende-pátria Lucas Garcez o seu secretário da Fazenda, Teodoro Quartim Barbosa, representante pessoal de Nenson Rockefeller, dono da Standard Oil, da Ibec e outros trustes.

Pelas suas declarações se verifica que o governo do santarrão Garcez empenhando em tudo dar aos americanos e em tudo tirar do povo paulista, conseguiu acabar de raspar os cofres do Estado mais rico do Brasil. Garcez completou a obra de Ademar e agora se propõe continuar a obra de Getúlio, isto é, continuar enterrando São Paulo.

O governo Garcez, diz Quartim Rockefeller, deixou todos os pagamentos para depois e cobrou tudo o que pôde antecipadamente. Isto é, arrancou o mais que pôde de impostos e instituiu o calote como norma administrativa. Essa é meia verdade confessada. Mas, se cobrou e não pagou, que foi feito do dinheiro do povo? Essa a verdade inteira que o interventor da Esso no governo paulista se esquivou de responder. Isso foi o que os puritanos da imprensa de «oposição» se esqueceram de perguntar na entrevista coletiva.

Como consequência, o funcionalismo está sendo pago com dinheiro do Banco do Brasil, os fornecedores do governo não recebem, o próprio «Diário Oficial» está saindo porque os fornecedores entregam o papel fiado, Garcez não paga nem os alugueis dos imóveis alugados para repartições públicas.

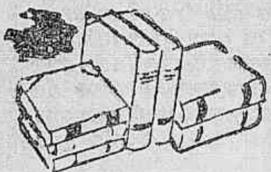
Como se sabe, Quartim esteve há pouco nos Estados Unidos. Voltou sombrio, anunciando crise. Agora, confessa mais um pedacinho sobre a impossibilidade de realizar o Estado

empréstimos externos». Isto é: os imperialistas não querem adiantar um centavo, os americanos continuam arrancando lucros fabulosos, mas guardam em segurança seus ricos dólares. Por que recusam emprestar? O seu agente não diz. Mas quem não vê que os americanos estão negaceando para arrancar concessões ainda maiores. Garcez manda expor parcialmente a situação de falência de seu governo desastroso visando «grangear o direito a assumir uma atitude especial de tolerância para receber...» ou seja, tolerância para as exigências da Light e demais monopólios imperialistas.

A negociata dos bonus rotativos, que alimentam todas as «caixinhas» continuará. Quartim Rockefeller quer «restituir aos bonus a respeitabilidade que perderam». Na mesma ocasião disse que «o fisco e a fraude são irmãos gêmeos, nascendo juntos». Esse é a própria natureza do Estado burguês-fudista — a fraude, o roubo, a dilapidação dos impostos pagos pelo povo são inseparáveis da própria lei que instituiu os impostos. Feita a lei, feita a fraude. Mas, em seguida, o homem jurado de mãos postas pela honradez do aparelho fiscal do Estado pela sua própria...

E qual a solução? De um lado «economia», isto é, corte de despesas na construção de escolas, estradas, hospitais. De outro lado, empréstimo federal «muitíssimo maior do que um bilhão de cruzeiros». Mas, como Getúlio também está em bancarrota, mais papel-moeda, mais inflação, mais carestia da vida para o povo de São Paulo e de todo o Brasil. Quer dizer: continuar agravando a crise e atirando suas consequências sobre as costas do povo.

O governo dos latifundiários e grandes capitalistas de 40 anos é forçado a cogitar da adiamento por um século das comemorações de mais um centenário de seu domínio. Que cegueira, que burrice a desses heróis da fraude e da traição fazer referências para daqui a um século! Acabou-se o tempo das festas para as classes exploradoras que entram em agonia. O que vem aí é a hora de pô-las abaixo.



Sangue Novo, Métodos Novos No Movimento Sindical

AMBIENTE INTEIRAMENTE DIVERSO DO QUE EXISTIU NO PASSADO É O QUE SE RESPIRA NOS SINDICATOS DE SÃO PAULO — CRESCEM EM GRANDE ESCALA AS INSCRIÇÕES MENSAIS, SOBRETUDO DEPOIS DA VITÓRIA DA GREVE DOS 300 MIL — ELEVÇÃO DA CONSCIÊNCIA DO PROLETARIADO, NOVA COMPREENSÃO DO PAPEL ECONÔMICO E POLÍTICO DOS SINDICATOS

Em São Paulo, já pertence ao passado aquela situação de abandono dos sindicatos, entregues nos pelegos ministerialistas, bloqueados pela polícia, inúteis para a ação dos trabalhadores em face da ganância dos patrões e da violência do seu governo.

Hoje as coisas mudaram completamente. Hoje as sedes sindicais têm vida. Regurgitam todas as tardes e à noite. Entram e saem operários vindos das fábricas para discutir seus problemas.

Em cada canto, em cada sala dos sindicatos é comum ver-se uma reunião. Ali está sendo promovida a oficialização de um Conselho Sindical, aqui está trabalhando uma comissão de empresa, mais além elabora-se o programa de reivindicações.

Um tal ambiente entusiasma. Os operários sentem-se mais fortes. Confiam em sua própria ação, verificando na prática que seus menores interesses só podem ser sustentados na luta organizada. Compreendem cada vez mais a verdade secularmente repetida pelos companheiros que formam seu destacamento de vanguarda, os comunistas, quando proclamam que a emancipação do proletariado só pode ser alcançada pela luta do próprio proletariado.

Nos dois maiores Sindicatos

QUEM quiser compreender o que foi essa mudança vir ao Sindicato dos Tecelões e ao dos Metalúrgicos, os dois maiores de São Paulo, que abarcam os dois ramos mais numerosos do proletariado paulista.

No Sindicato dos têxteis, o ano passado, a média de admissão de novos sócios era de 35 por mês. Já este ano, o mês de menor sindicalização foi janeiro, com 213 admissões. Principalmente depois da grande greve, coroada por formidável vitória, o índice de sindicalização se elevou de maneira extraordinária, sendo de 1.041 em abril e de 1.039 em maio.

Verifica-se por esses números a importância da ação de massa, da luta dos trabalhadores. A prova de fogo que tiveram os operários du-

rante a greve lhes inspirou maior confiança no sindicato como seu indispensável instrumento para união e a organização de toda a massa, como a grande arma de combate. Além das conquistas imediatas, a grande greve deu aos trabalhadores têxteis uma consciência de classe em grau mais elevado e reforçou sua organização, tanto numericamente como pela mais alta combatividade de seus sócios. Eleva-se agora o quadro social do sindicato a 43.630 membros.

O Sindicato dos Metalúrgicos não ficou atrás. Está ingressando nas suas fileiras, depois da greve de março e abril, mais de 560 operários por mês. Os elementos sindicalizados assim demonstram grande entusiasmo, comparecem às assembleias, frequentam assiduamente a sede sindical, sentem-se donos de seu sindi-

cato, do qual foram expulso os pelegos que antes viviam na modorra dos compromissos com os patrões, com o ministério e com a polícia, covando-se nos fundos sindicais.

Esse ritmo de crescimento não é exclusivo dos têxteis e metalúrgicos, mas de todos os sindicatos de São Paulo, particularmente daqueles que se colocam decididamente à frente nas lutas de seus associados e de toda a corporação que representam.

Democracia nos Sindicatos

UM dos fatores desse crescimento, que traduz a confiança dos trabalhadores em seus sindicatos, é sem dúvida a democracia que, atualmente, está vigorando nos sindicatos.

Acabou-se o tempo em que os pelegos, como bonecos de engenho, enfiados em lustrosas roupas de náilon, com sapatos de jacaré em sola dupla, chapéu de Chile e um charuto no queixo, fechavam-se como grandes senhores em seus gabinetes e não davam confiança a ninguém. Esses paxás, esses lordes criados e assim deformados pelo getulismo pela corrupção ministerialista, na mamata dos institutos e do fundo sindical, ou mudaram de atitude, corrigindo-se, ou desapareceram para sempre da vida sindical.

Hoje são os novos métodos de organização e de atividade que predominam. Não são mais os pelegos, um sim-



A greve memorável dos 300 mil criou entre os trabalhadores o hábito de reunir-se na sede do sindicato, para debater os seus problemas na empresa

ples presidente ou um grupinho de diretores que fazem e desfazem. Hoje a força e a soberania dos sindicatos estão no seu órgão superior, a assembleia. É às assembleias que os diretores, escolhidos livremente pelos operários, prestam contas detalhadas de tudo. O diretor sindical não tem poderes para decidir questões de maior importância sem ouvir a opinião da maioria, sem prestar contas de cada um de seus atos perante a massa, que é quem manda com plenos poderes.

A atividade sindical se desenvolveu a tal ponto que, mesmo as diretorias mais ativas e mais dedicadas, não podem dar conta de todo o recado. Daí nasceu a ideia da criação de comissões especiais, formadas quase sempre por deliberação das assembleias, e que agem com mais desembaraço ajudando as diretorias e sendo ajudadas por estas. Experiência das mais positivas tem sido por exemplo a das Comissões Centrais de Salários. Ao invés de tirarem ou diminuírem o prestígio das diretorias, como alegavam os divisionistas a serviço dos patrões, as Comissões de Salário reforçam aquele prestígio, dão mais autoridade aos dirigentes honestos para agir em nome de todos os associados, e criam maiores possibilidades de êxito, num trabalho organizado e constante para o estudo e a sustentação das reivindicações.

Sindicatos de portas abertas

A democracia se manifesta ainda na excelente prática hoje em voga, que é a de abrir as portas dos sindicatos aos trabalhadores em geral, sejam sindicalizados ou não. Os agentes ministerialistas e até os odiados tiras do Dops, cumprindo ordens dos patrões, durante muito tempo lutaram para que só pudessem entrar no sindicato e votar nas assembleias de interesse geral os associados quites. Dificultando o funcionamento do sindicato, dividiam as condições de vitória, e a fraqueza da organização, por sua vez, afastava cada vez mais o interesse dos próprios sócios. Essa situa-

ção só servia aos patrões e ao governo que os encarna e defende. Agora, os operários ainda não sindicalizados vão ver com seus próprios olhos como é que a união e a organização conduz à vitória, e participando das discussões, votando, inclusive, quando se trata de interesses gerais e não apenas de uma eleição interna ou tomadas de contas, ganham confiança e se sindicalizam.

Muito importantes também são os Conselhos criados nas empresas. Os Conselhos Sindicais são os importantes elos que unem cada fábrica ao sindicato. Verdadeiras correias de trans-

missão entre os órgãos dirigentes e a massa operária, os Conselhos Sindicais asseguram ainda a unidade dos movimentos e dão maior impulso e maior firmeza às lutas dos trabalhadores. As reuniões dos Conselhos Sindicais, na fábrica ou na sede do sindicato, conforme as condições, permitem o estudo dos problemas da empresa, preparam toda uma fábrica para a luta, e, com o enlace das Comissões de Salários, sob a orientação das Diretorias, Conselhos de diferentes empresas se entendem sobre questões comuns e agem com grande vantagem para o pessoal de cada empresa e para todo o ramo em luta.

Elevação da luta sindical

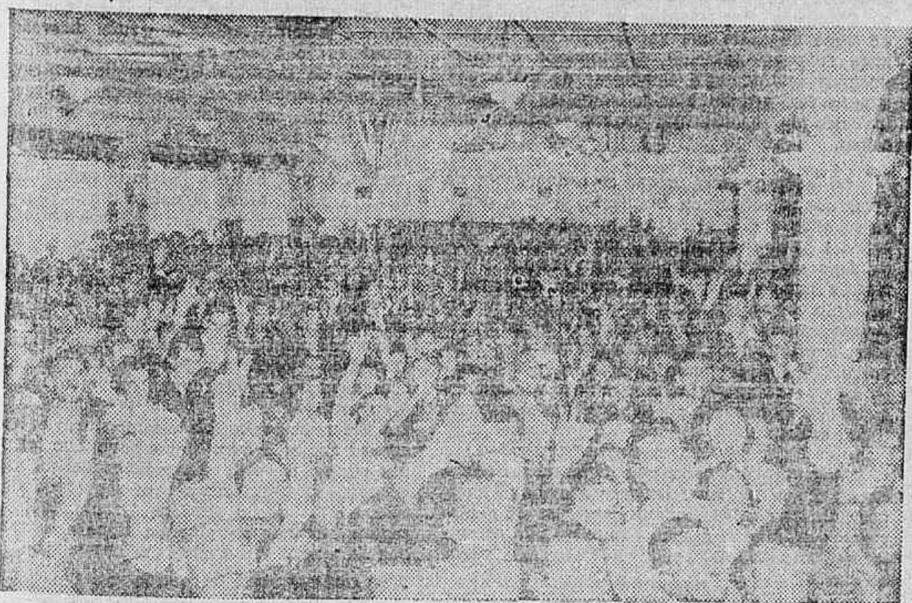
ESSA vida nova nos sindicatos paulistas contribui também para elevar o próprio conceito da atividade sindical. Os pelegos e demais serviais dos patrões e da reação, no passado e ainda hoje, quando podem, argumentam que a luta sindical não deve ir além das puras e simples reivindicações de salários e outras condições materiais de trabalho. Nada de política, dizem. A escola da própria luta ensina que essa teoria só pode servir aos patrões. Os operários verificam que suas reivindicações econômicas, sustentadas pacificamente, sofrem todos os obstáculos, com a intervenção política dos agentes ministerialistas, da política, do próprio chefe do governo. Foi o que se viu durante a greve dos 300 mil. Garcez e Getúlio arvoravam-se em «mediadores», tentando dividir e enfraquecer os grevistas. Ao mesmo tempo, atravam os «cangaceiros» e bandidos da chamada ordem «política e social», o Dops, contra os trabalhadores. Essas lições práticas ensinaram que é preciso lutar pelas liberdades democráticas. A liberdade de imprensa, o direito de reunião e associação, a liberdade sindical.

Essa experiência abre a compreensão de que, para melhorar um pouco a vida atualmente, é preciso que os sindicatos levem mais além sua ação, sabendo que na luta do dia a dia se fortalece e se exercita o proletariado para maiores vitórias, visando melhores dias futuros. Por isso mesmo, em grandes assembleias sindicais, os operários de São Paulo se manifestam calorosamente em apoio de campanhas patrióticas, como a que se levanta contra o racionamento da energia, contra a colonização de nossa pátria pelo imperialismo ianque, pela liberdade e pela paz.

No Congresso Sindical Mundial

Acontecimento relevantíssimo foi, sem dúvida, a participação entusiástica dos trabalhadores paulistas na preparação do Congresso Sindical Mundial. Nas fábricas e nas assembleias sindicais foram eleitos os representantes do proletariado de São Paulo que levam os problemas de sua classe, como os dos camponeses, de todo o povo brasileiro a discutir no grande plenário internacional.

Podemos, realmente, assinalar o ano de 53 como o início de uma nova etapa no movimento sindical paulista. Esse fato importantíssimo há de ter efeitos altamente benéficos para o movimento sindical em todo o país e para novos êxitos e vitórias da causa da democracia, da independência e da paz no Brasil.



Uma das movimentadas assembleias dos grevistas de São Paulo que forjaram a unidade na luta

Félias no Brasil

DIA 16 — Entram em greve geral os marítimos de Recife, contra a decisão do Tribunal Federal de Recursos, que permitiu a recondução de Laranjeiras à Federação dos Marítimos.

— Pronuncia-se pelo reatamento de relações com a União Soviética o ex-Presidente da República, sr. Artur Bernardes.

— Instalou-se solenemente nesta Capital, no Liceu Literário Português, o Congresso Contra a Carestia.

DIA 17 — Os operários da fábrica de tecidos Petropolitana entraram em greve exigindo os 40% de aumento dos salários conquistados, e que somente estão sendo pago 20% do mesmo.

— O general Flores da Cunha, em entrevista, pronunciou-se pelo reatamento de relações com a União Soviética, como uma medida para ampliar o nosso comércio exterior.

DIA 18 — Foi instalado no Teatro Colombo de São Paulo a 1.ª Convenção Estadual sobre a crise de energia, e suas consequências.

— Sob o patrocínio da União Metropolitana dos Estudantes, teve início a votação nas faculdades do Distrito Federal do Plebiscito em favor das negociações dos problemas em litígio.

DIA 19 — Quarenta e quatro parlamentares pernambucanos, deram o seu apoio a campanha do plebiscito, para resolver por negociações a tensão internacional.

— O juiz da Vara da Fazenda Estadual da Bahia, dr. Ubaldo Geraldo Miguel, concedeu em definitivo o mandato de segurança ao matutino «O Momento», órgão da imprensa democrática da Bahia, recentemente invadida pelos policiais do Regia Pacheco.

DIA 20 — «IMPRESA POPULAR» denuncia a negociata de cebola da C.O.F.A.P., que recebeu 140 mil caixas de cebolas Argentina, gratuitamente, e está vendendo ao preço de Cr\$ 7,50 o quilo.

— Centenas de estudantes e populares, depredaram a Cia Paulista de Força e Luz de Penapólis, em São Paulo, em protesto contra a falta de energia elétrica.

DIA 21 — Teve novamente início o processo lanque contra o líder comunista Luiz Carlos Prestes, na 3.ª Vara Criminal.

— A Câmara Municipal de João Pessoa, aprovou moção exigindo a volta à legalidade do Partido Comunista do Brasil, contra apenas um voto.

— O povo paulista pede a encampação da Light, na 1.ª Convenção sobre a crise de energia, realizada em São Paulo.

DIA 22 — O senador Carlos Gomes de Oliveira, líder do PTB no Senado, em entrevista sobre a legalidade do Partido Comunista do Brasil, declarou: «De acordo com a Constituição, não se pode negar a qualquer corrente representativa da opinião pública o direito de exercer livremente suas atividades políticas.»

— O deputado Federal Breno da Silveira, acusou na Câmara Federal o Almirante Belfort Guimarães, ex-diretor do Arsenal, de desviar para a sua fazenda, numerosas viaturas do Ministério da Marinha, tais como: caminhões, gipões, gipes e ambulâncias, etc.

EM MARCHA PARA O III CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

Os trabalhadores de Anápolis, Goiás, em movimentada assembléia realizada no Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil, apresentaram para candidato para representá-los no III Congresso Sindical Mundial, o operário Arlindo Casemiro.

O operário Valentim Neves foi eleito em movimentada assembléia, dos textos, desta Capital, na sede de seu sindicato, candidato ao III Congresso Sindical Mundial, ao lado do deputado Roberto Moreno, e a realização de seu III Congresso.

Embarcaram nesta Capital, no navio «Guilherme de Albuquerque», dezenas de delegados para o III Congresso Sindical Mundial. O total dos delegados é de 100, aproximadamente.

No V Congresso Nacional

dos Jornalistas realizado recentemente no Paraná, foi apresentada uma moção de apoio ao III Congresso Sindical Mundial, que foi aprovada por unanimidade pelos congressistas. Numa das sessões plenárias do Congresso, os jornalistas gaúchos comunicaram que farão representar os jornalistas do Rio Grande do Sul, no Congresso Sindical Mundial, a realizar-se em Viena no próximo mês.

Os empregados em Comércio Hoteleiro e Similares desta Capital, em concorrida assembléia elegeram o trabalhador Milton Arruda seu delegado ao III Congresso Sindical Mundial.

Foi entregue à Diretoria do Sindicato Nacional dos Aeronautas um requerimento assinado pelo número estatutário de associados, solicitando a convocação de uma assembléia geral extraordinária, para a discussão do relatório do III Congresso Sindical Mundial.

Jânio, Bondes & Light

QUANDO candidato, de vassoura em punho, o sr. Jânio Quadros, prometia ao povo que as passagens de ônibus e bondes da C.M.T.C. não seriam aumentadas. Como prefeito eleito, o mesmo Jânio marcou a data de primeiro de outubro de 1953 para majorar as passagens de bonde em 100% e as passagens de ônibus em 50%. Esta é a nota dominante dos seus primeiros seis meses de governo.

O prefeito não esqueceu, porém, as demagogias do candidato. Para convencer o povo da «necessidade» de submeter-se à escorcha, armou sua máquina de propaganda com o lema derrotista «dos males o menor» transfigurado em «é melhor pagar mais e ter transporte do que manter as tarifas e ficar sem transporte».

O que o paulistano pergunta, porém, é se é preciso pagar mais para ter transporte e para quem vai o dinheiro do aumento. Como cada mentira engendra a mentira seguinte, o sr. Jânio declara que a C.M.T.C. é deficitária e que o aumento é para pagar o aumento de salário dos trabalhadores, no que repete simplesmente um conhecido golpe da Light.

As poucas companhias particulares que escaparam ao monopólio da C.M.T.C., como a da linha do Pari, dão lucro com as mesmas tarifas do truste. A Viação Cometa instalou, neste ano de 1953, uma linha de ônibus na Vila Carrão a um cruzeiro, o que prova que o negócio é bom, dá lucro. Como é que as companhias particulares consideram o negócio lucrativo e a C.M.T.C. alega prejuízos? Não é o caso do prefeito democrata cumprir suas promessas de moralização e acabar com as conhecidas roubalheiras que grassam na companhia, ela mesma fruto duma grossa negociata com a Light?

No caso dos bondes a velhaquice ainda é mais grossa. A imprensa democrática de São Paulo conseguiu examinar um boletim diário sobre a renda dos bondes paulistanos. Num só dia 420 bondes em circulação,



realizando 7.470 viagens, transportaram 966.000 passageiros. Renda bruta: Cr\$ 483.000,00. Os 3.200 funcionários do setor bondes, mesmo que lhes atribuamos o exagerado salário médio de três mil cruzeiros mensais (motorneiros, cobradores e fiscais ganham entre 1.800 a 2.000 cruzeiros) perceberiam Cr\$ 9.609.000,00. A renda média mensal sendo Cr\$. 14.490.000,00, há um saldo bruto de quatro mi-

lhões de cruzeiros por mês. Onde está o deficit?

Claro, há outras despesas — reparos, manutenção, peças, etc. Mas isso não é o que pesa. O que pesa é a Light. A Light passou os calhambeques por 60 milhões quando foi constituída a C.M.T.C., mas ficou donada das casas de carros, cobrando um aluguel escorchante e ainda por cima, além de grande acionista que exige gordos dividendos, fornece a

energia por preços elevados e baixa voltagem. Assim fica bem claro para quem vai o aumento. Vai direto para os cofres da Light.

A escorcha do aumento dos transportes coletivos é um serviço de Jânio à Light. Em troca, ele espera apoio para suas vaidades e ambições políticas. Jânio credencia-se ao apoio dos trustes imperialistas. Sua demagogia já não engana mais ninguém.

Jôgo Excuso de Etchegoyen

Diversos pasquins da «sadia», jornais que vivem de subvenções escusas e habituados a sacar nos cofres públicos, comendo assim à larga os dinheiros arrecadados ao povo e que deveriam ser empregados em benefício do povo, embandeiraram-se agora com ares «moralizadores» numa pretensa campanha contra os jogos de azar. Está neste caso o boletim getulista «Ultima Hora» que abre grandes manchetes sobre o problema do jôgo, dando larga publicidade aos trabalhos inócuos da demagógica Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os jogos de azar, que vai empilhando montanhas de papel contendo depoimentos e informações destinados a embolorar de mofo, enquanto faz grande alarido como se estivesse tratando de resolver um grande problema nacional.

Ninguém poderá negar a exuberância de viver dos membros da Comissão, nem o grande reboliço a que se entregam para dar a impressão de que trabalham e fazem algo de útil. Os depoentes vão desfilar dia após dia, a volumosa papelada do «inquérito» vai aumentando. Não contente com isso a Comissão envia circulares aos montes faz pedidos de informações, requerimentos, dirige-se a Deus e ao Diabo, tudo para dar uma impressão de seriedade à farsa de que está no caminho de «sanear» a polícia, os poderes públicos, e ninguém sabe, o que mais.

Mas ninguém pense que toda essa atividade em torno dos jogos de azar não tenha qualquer objetivo. Todo mundo sabe que os exploradores do jôgo têm suas manhas e que as caixinhas funcionam para silenciar os barulhentos...

Apesar de tudo, as atividades dessa pomposa comissão têm alguns aspectos que interessam ao povo. É o caso do depoimento do general Alcides Etchegoyen.

ral, à paisana, deu entrada na Câmara trajando uma roupa de casemira azul, dizem os jornais. E pôs-se a falar sobre a repressão aos jogos de azar. O antigo chefe-de-polícia do Estado Novo já teve ocasião de mostrar sua capacidade de atrabiliário fascista e tem saudades dos «bons tempos». Que declarou ele? Recordando sua passagem pela Chefia de Polícia, disse simplesmente o seguinte:

«Na época, eu tinha uma grande arma. Talvez a maior arma que usei no combate ao crime e à contravenção em suas diversas modalidades: o poder de polícia. Estávamos no «estado de guerra». Eu prendia contraventores como «medida de segurança pública». Assim evitava os «mandados de segurança», «habeas corpus» e outros remédios legais de que os contraventores usam e abusam atualmente. Agora, não sei. Dizem que ainda bem o bicheiro não é preso já existe um advogado de porta de xadrez com um «habeas corpus» na mão para soltá-lo.»

Eis aí o que pretende o destemido general. Afinal de contas, o que o assusta é o fato de não poderem os homens do governo dispor discricionariamente dos cidadãos, prendendo e mantendo encarcerado indefinidamente a quem bem queiram e entendam. Habilmente, e para esconder seus verdadeiros propósitos fascistas, ele mascara a crise, como quem se refere apenas aos bicheiros. Mas o povo que foi quem pôs abaixo o «poder de polícia» de que fala o general, não se engana com seu canto de sireia, e sabe que a jrgatina é fruto do próprio regime. Quando ao jôgo de bicho e outros jogos de azar... eles acabam se entendendo, que a caixinha é rica. Do que se trata, realmente, é de conseguir meios e modos de violar a Constituição e a legalidade precária que existe, a fim de tentar sufocar as lutas das massas que tanto assustam as classes dominantes e os desminadores americanos.

UMA tela de tecido branco, bem esticada entre quatro bambus, dois dos quais espetados verticalmente no solo com um afastamento de metro e meio; cortinas de estampado alegre emoldurando a tela e cortinas negras, uma de cada lado, escondendo a artistas e músicos; um grande baú cheio de apetrechos; uma lanterna para projetar as sombras na tela... este o equipamento do teatro de sombras.

A pequena companhia monta sua tela numa aldeia. A banda faz um grande alarido. O tinido dos pratos, o rufar dos tambores e som melodioso da flauta e do violino chamam os camponeses para o espetáculo de sombras. As crianças colocam-se na frente, sentadas no chão. Os mais velhos trazem bancos de madeira. Os jovens se encarampitam nas árvores próximas, que servem de frondosa «galeria». Cai a noite. A lanterna brilhante projeta na tela sombras que dançam. Apesar de suas poses estilizadas, parecem figuras humanas reais que se empertigam, declamam, gritam e parecem sacudir os ombros quando choram ou quando perdem o fôlego, tomadas de fúria. Cantam, dançam e representam os famosos contos e dramas populares, com cenários e enfeites apropriados. Realizam espantosas acroba-



cias e cenas de «transfiguração» como na peça *Peregrinação para o Ocidente*, na qual um porco se transforma num camelo. De outras vezes, lindas fadas viajam pelo espaço sobre nuvens encantadas. Não há prodígio que o teatro de sombras não possa simular.

A projeção das figuras

O teatro de sombras tem uma história de mil anos. Durante todo esse tempo foi-se aperfeiçoando a técnica de recortar as figuras nos pergaminhos feitos de pele de jericó. Os bordados e cabelos, as folhas das árvores e dos arbustos são sugeridos por rendilhados habilmente elaborados. As figuras humanas e de animais estão presas a delgadas hastes de bambu que o operador maneja. As mãos e as pernas movem-se acionadas por fios de linha. O pergaminho das figuras é pintado de cores vi-

O teatro de Sombras

vas que adquirem rara translucidez ao serem projetadas na tela.

A origem

Hoje em dia não se sabe mais onde nasceu o teatro de sombras. O fato é que, com o passar dos anos, êle se espalhou por todo o país, foi assimilando os costumes locais e agora tem características especiais em cada região. No entanto, pode ser dividido em duas grandes escolas: a do norte e a do sul.

A escola sulista, muito popular na província de Fukien, tem uma longa história que data do tempo na dinas-

soas cantavam e declamavam, enquanto as restantes tocavam o *erh hu* (violino chinês) e a flauta. Os tambores e pratos. As casas de chá, os bazares de Hsi Tan e a Ponte do Céu eram os locais preferidos para a realização dos espetáculos. Houve época em que mais de 30 teatrinhos de sombra entretinham diariamente a milhares de pessoas.

O inimigo era o regime

Sómente a companhia de Lu Ching-ta sobreviveu à miséria e ao caos em que o regime de Kuomintang e os invasores imperialistas lançaram o país. O teatrinho de sombras quase desapareceu.

— «Nossas audiências eram cada vez menores, recorda Lu Ching-ta. Os trabalhadores estavam reduzidos a tamanha pobreza que não podiam pagar o diminuto preço de ingresso. Enquanto isso, os policiais nos visitavam frequentemente para extorquir o que chamavam de «impostos». Também havia os bandidos que viam e quebravam tudo mas lhes podíamos pagar para «sermos protegidos».

Renascimento e triunfo

A Libertação é que trouxe um novo elã às artes populares. O Ministério da Cultura do Governo Popular Central reconhece o teatro de sombras como uma das mais queridas tradições populares, especialmente entre os camponeses. São as mulheres camponesas que recortam as figuras de pessoas e coisas; as cores usadas são as cores vivas dos brinquedos de barro vendidos nas feiras; os motivos da decoração inspiram-se no tesouro dos desenhos folclóricos. O teatro de sombras sintetizou esses elementos artísticos e fundiu-os com a ação e a poesia, com o canto e a música. A seção de teatro do Ministério da Cultura atualmente desenvolve grande trabalho a fim de recolher todos os materiais disponíveis e reviver e desenvolver essa forma de arte.

El foi em Pequim, seu centro tradicional, que o teatrinho de sombras renasceu. Certa noite chuvosa, depois da Libertação, três visitantes inesperadamente surgiram na casa de Lu Ching-ta. Eram dois professores da Academia Central de Belas Artes, e um escritor da Federação Pequinesa de Artistas e Escritores.

Em poucos dias, Lu viu-se instalado num estúdio na Academia, reconstituindo suas figuras de sombra com o auxílio de um grupo de professores e

estudantes. Recebeu deles valiosos conselhos, especialmente a respeito de personagens da vida moderna. Lu reconstituiu sua companhia e, em breve prazo, iniciava uma série de representações num pequeno teatro do meio de Tung An, numa das mais movimentadas ruas de Pequim.

Hoje em dia, Lu tem uma atitude crítica em relação a seu trabalho. Pôs de lado certas tendências retrogradadas de suas antigas produções e procura realizar novas peças baseadas em temas modernos: a grande campanha de saúde e higiene, a reforma agrária, etc., —

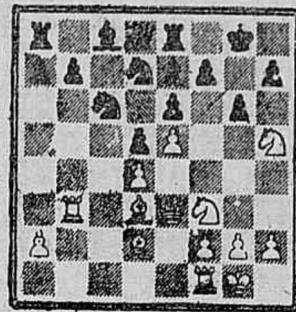
Xadrez

■ **INICIAMOS** nesta edição a publicação da seção de xadrez de nosso semanário. Dessa forma, esperamos atender — e cada vez mais satisfatoriamente — aos reclamos de vasta camada de leitores. Nesta seção serão encontradas as mais recentes partidas que empolgam os aficionados do esporte-real nos mais desenvolvidos centros esportivos do mundo. Novas soluções, novos desenvolvimentos, novos talentos que surgem e abordam com audácia, originalidade e espírito inventivo os inagotáveis recursos e possibilidades do xadrez serão aqui apresentados.

O mal quase incurável de outras tentativas é repetição e republicação de partidas e problemas já anteriormente divulgados. Tudo faremos para fugir a essa rotina que se alimenta do ranço político da reação, pois em lugar de aproximar os exadristas procura separá-los ao tentar cobrir com a cortina do silêncio imbecil e ignorante a atuação brilhante e criadora dos mestre-soviéticos, campeões do mundo.

Um campeão colcosiano

G. Jouravlev (região de Kalinin), campeão colcosiano, contra uma Variante do Dragão da Defesa Siciliana, muito bem conduzida por V. Proutovykh, do território de Krasnoïarsk, conseguiu a seguinte posição:



E assim continuou:

18. D4B — P4B (a melhor resposta. 18. ... — PxC era evidentemente impossível por causa de 19. D6T — P4B; 20. PXP e. p. — CxP(6); 21. C5C, ganhando); 19. PXP e. p. — CxP(6); 20. CxC+ — BxC; 21. T1R — T1B; 22. P4TR (sacrifício dum segundo peão pelo ataque) — 22. ... — BxPD; 23. D3C — B2C; 24. P5T — C2R; 25. PXP — CxP; 26. BxC — PxB; 27. DXP — D1R (o primeiro ataque das brancas foi rechaçado, foi «escorado» pelas pretas, mas isso lhes custou a perda dos três peões da ala do rei, com o irremediável enfraquecimento deste flanco. Disto as brancas se aproveitaram e agora recuam para armar novo ataque. E desta vez...); 28. D3C — T3B; 29. C5R — P3C; 30. B5C — T4B; 31. B6T — D2R; 32. C6B (manobra decisiva) — 32. ... — D1B; 33. BxB — DxB; 34. C7R+ — R2B; 35. CxT — PxC; 36. T7R+ !!! As pretas abandonam.

Espelho Fiel De Um Regime Em Decomposição

NADA reflete melhor o atual regime do que a sua imprensa. Em São Paulo, os jornais das classes dominantes tinham de ser, como são em todo o país, um espelho nítido da situação atual. Jornais que não apenas defendem os interesses e traduzem a ideologia daquelas classes, mas ainda apresentam em sua composição e em sua própria existência as maselas, os escândalos, a corrupção, o apodrecimento dos setores reacionários em que se baseia o governo anti-nacional e anti-popular de Lucas Garcez e Getúlio Vargas.

A HIPOCRISIA DO "ESTADÃO"

Temos no «Estado de São Paulo» a máscara de siseudez, moralidade e equilíbrio que a reação afivela a seu rosto. Da primeira à última linha, no aspecto pesadão, nos títulos graves, esse jornal porea hipocrisia. Quem o leia desprevenido supõe tratar-se de um jornal sério. Lança de vez em quando editoriais em oposição ao governo e prega a «regeneração» dos costumes políticos e administrativos. E' sentencioso, suas opiniões são emitidas com a solenidade de um órgão incorruptível. Distribui justiça, premia os bons e castiga o crime com sua condenação oracular.

Quando se analisa sua verdadeira posição, vê-se que usa toda essa solenidade para vender-se mais caro. Diante de uma greve, de uma reivindicação dos operários, defende os patrões. Contra a população inteira, sacrificada pelo racionamento de energia elétrica, esposa os cínicos argumentos da Light e da Bond and Share. Jornal do grupo Armando Sales, comprometido no escândalo da Cachoeira do Marimbondo, esteve sempre na gaveta das empresas monopolistas da eletricidade. No caso do petróleo nacional, o «Estadão» toma o partido naturalmente, da Standard Oil. Sua farsaica pregação liberal visa à «liberdade» dos grileiros e latifundiários, dos tubarões dos lucros extraordinários, da especulação com os gêneros do consumo e a habitação popular, a «livre iniciativa» do capital ianque. Negou sempre as liberdades democráticas aos trabalhadores e ao povo, sustentou e sustentou leis infames, como a Lei-Monstro de seu «copinoha» Vicente Rao, como o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos, a lei contra a imprensa de autoria de seu diretor Plínio Barreto, o projeto de «lei de infidelidade». Teve papel destacado na preparação do golpe de 10 de novembro, agitando o anti-comunismo que

desembocaria no Plano Cohen beneficiou-se com o Estado Novo, que o encampou, salvou-o da bancarrota e em seguida devolveu-o a Julio Mesquita Filho. Apoiou o golpe revolucionário de 29 de outubro, dirigido pelo embaixador ianque Berle Jr. contra uma Constituinte verdadeiramente popular. Acolheu num posto de direção o escriba de Mussolini, Gianino Carta, que o conde Matarazzo homiziou, quando fugido da Itália na hora de prestação de contas a seu povo.

O «Estado de São Paulo» é um dos órgãos da imprensa umbelicamente ligados à embaixada dos Estados Unidos. A prosperidade que ostenta no novo edifício, estilo «bolo de noiva», é em grande parte devida aos créditos que a Casa Branca emprega na «guerra psicológica», visando pela ameaça, a chantagem e a agressão armada a conquista do mundo. Quando, após a visita de Foster Dulles ao paralelo 38, as forças ianques se lançaram com as do títtere Singman Ri contra a República Democrática e Popular da Coréia, o «Estado» se adiantou aos próprios apelos que viriam mais tarde dos argos de Wall Street, nesta vergonhosa súplica aos céus do dólar: «Que Deus nos conceda a gloria de mandar os nossos filhos para lutar na Coréia, em defesa da civilização ocidental».

No inquerito oficial levado a efeito no Banco do Brasil, o «Estadão» aparece com o rabo na ratoeira. Lá está na lista dos jornais que, só nas duas semanas anteriores à cassação do registro do Partido Comunista, receberam milhares de contos com que o governo Dutra comprou o apoio à sua política de violências, prisões e assassinatos.

Com toda sua fingida honestidade, o «Estado de São Paulo» é, a «respeitosa» da imprensa sadia de São Paulo.

OS MASCARADOS DAS "FOLHAS"

As «Folhas», que pertenciam antes ao grande fazendeiro Otaviano Alves de Lima, foram adquiridas pelo conde Chiquinho Matarazzo, quando brigou com seu escriba Assis Chateaubriand.

Matarazzo tinha como testas-de-ferro nas «Folhas» o seu antigo advogado José Nabantino Ramos, como superintendente, Alcides Ribeiro Meirelles, como diretor presidente e Clovis Moura Queiroga, como diretor-comercial. Quando o conde, multi-milionário acolheu o salvado do incêndio fascista Gianino Carta, quis metê-lo na direção das «Folhas» para rifar Meirelles e Nabantino. Estas correram ao então Ministro de Justiça de Dutra, Benedito Costa Neto, que os amparou. Deu o golpe de Matarazzo. Obteve para eles, no Banco Brasil, um «papagaio» gracioso de dez milhões de cruzeiros. Além da publicidade dos trustes, das verbas da embaixada ianque, ligam as «Folhas» aos inimigos do povo as relações diretas de seus diretores com grandes empresas capitalistas e grupos do latifúndio. Ribeiro Meirelles, de tradicional família de latifundiários, é também diretor-presidente das Indústrias Reunidas de Santa Rita S/A e membro do Conselho Consultivo do Banco Bandeirantes do Comércio S/A. Nabantino pertence ao Conselho Fiscal da Casa Bancária Real São Paulo e da Cia. Brasileira de Imprensa e Propaganda. João Batista Ramos, irmão de Nabantino e seu testa de ferro na «Imprensa», é do Conselho Fiscal do Banco do Estado, diretor-gerente da Sal Guairação S/A e diretor da Radio Nacional.

Ao despedir um jornalista que defendia o cinema brasileiro, recebe do United States Information Service (o DIP americano) a orientação sobre política internacional. Seu diretor, Sílvio Pereira, foi à Alemanha Ocidental e de lá trouxe uma rotativa. No mais, não é preciso repetir o que está por demais sabido a respeito de «Ultima Hora», financiada por Matarazzo, Jafete Moreira Sales ou de «O DIA», o pasquicho pornográfico de Ademar.

DESAFIO ENTRE O D. FEDERAL E S. PAULO



O Distrito Federal continua à frente, pois já enviou para a Comissão Nacional da Campanha, Cr\$ 724.687,80, correspondentes a 28,9% de seu compromisso, enquanto São Paulo recolheu à Tesouraria apenas Cr\$ 365.000,00, isto é, 12,1% de sua cota.

Depois do «Estado» e das «Folhas», que resta da imprensa «sadia» em São Paulo? «A Gazeta», velho órgão de picaretagem que o povo incendiou em outubro de 1930, merecera o apelido de «A Gaveta». «A Gazeta» está ligada a interesses financeiros de ordens religiosas ricas e tem como assessores ostensivos figuras reacionárias do alto clero católico. E' hoje um dos vozeiros do Vaticano, como o foi no passado de Mussolini e de todos os governos intolerantes de Washington Luiz, de Vargas e seu Estado Novo, de Dutra e agora de Garcez e Vargas.

E O RESTO DA "SADIA"

«O Tempo» é o jornal de Hugo Borghi. Dito isso, não seria preciso dizer mais nada. Alimentado através do chamado Grupo Borghi pelo Banco do Brasil, defendeu o governo Dutra, a Petrobrás, e Acôrdo militar, vinculando-se estreitamente à embaixada

lanque, recebe do United States Information Service (o DIP americano) a orientação sobre política internacional. Seu diretor, Sílvio Pereira, foi à Alemanha Ocidental e de lá trouxe uma rotativa.

No mais, não é preciso repetir o que está por demais sabido a respeito de «Ultima Hora», financiada por Matarazzo, Jafete Moreira Sales ou de «O DIA», o pasquicho pornográfico de Ademar.



Uma Imprensa Fiel ao Povo

ENFRENTANDO tão desmoralizadas empresas, que fazem publicidade comercial e política, a tanto por linha, mas fogem completamente à tradição do mais puro jornalismo, levanta-se em São Paulo, como em todo o Brasil, uma imprensa popular, democrática e patriótica. Essa imprensa do povo, consagrada à verdade e à justiça, tem sua expressão em «Notícias de Hoje», o valente matutino da capital do Estado, que acaba de resistir a mais um assalto fascista da polícia de Garcez e Vargas. Não esquecem os trabalhadores, os camponeses, todos os setores progressistas e patrióticos outro órgão que soube manter-se à altura

da imprensa paulista e brasileira da Independência, da Abolição, da República, dos gloriosos movimentos proletários de 1917 a 1920, o «Hoje» arbitrariamente suspenso pelos quislings dos Campos Eliseos e da Catete.

Esses são jornais que não estão na dependência dos trustes estrangeiros, que não fazem empréstimos nos bancos oficiais, não têm financiadores capitalistas ou latifundiários. Jornais fundados pelos trabalhadores e o povo, mantidos à custa de sacrifícios com o dinheiro que o povo lhe dá, defendem intransigentemente a causa dos operários, dos camponeses, da intelectualidade honesta, dos funcionários públicos, civis e militares, do pequeno comércio, da indústria nacional. Jornais que levantam com ardor as bandeiras da paz, da liberdade e da independência nacional.

A VOZ OPERARIA e «Notícias de Hoje» estão por isso mesmo presentes em tôdas as lutas proletárias e populares. São os jornais esperados nas fábricas, nos estabelecimentos públicos, nos bairros onde moram os trabalhadores e o povo como a palavra esclarecedora dos problemas de cada dia e dos altos problemas da política nacional e internacional, com a voz de comando que organiza e põe em marcha as grandes massas. Nos históricos dias da greve dos 300 mil operários paulistas, os órgãos da imprensa popular foram aclamados em grandes assembleias como os intérpretes legítimos dos trabalhadores. Invariavelmente fiéis ao povo e à pátria, combatendo os exploradores e negociatas, denunciando e resistindo à dominação do imperialismo ianque, ferreteando seus instrumentos no atual governo de traição nacional, esses jornais merecem cada dia que passa a confiança dos trabalhadores e todos os brasileiros patriotas.

Arrecadação Nacional

RESULTADOS ATÉ 22 — 9 — 1953

São Paulo	Cr\$ 1.178.036,30
Distrito Federal	943.964,00
Estado do Rio	213.285,00
Minas Gerais	92.000,00
Bahia	30.000,00
Ceará	80.000,00
Espírito Santo	40.300,00
Rio Grande do Sul	71.370,00
Amazonas	4.800,00
Maranhão	1.800,00
Marítimos	276.580,00
Jovens	120.803,00

TOTAL Cr\$ 3.052.958,30



2.º Grupo

E. do Rio	11,9%
Ceará	10%
M. Gerais	0,4%
R. G. do Sul	0,1%
Bahia	0
Pernambuco	0

3.º Grupo

Marítimos	100%
Jovens	20%
E. Santo	0,81%
Paraná	0
Goiás	0

